

A man with a beard and mustache, wearing a white button-down shirt with the sleeves rolled up, stands with his arms crossed. He is positioned in front of a large, dark crowd of people, likely at a concert or event. The background is dark, and the lighting is focused on the man's shirt and chest.

Abandonado
...por
MARY

93 million miles | Spin-off

ALINE PÁDUA



Abandonado... por Mary

93 Million Miles Spin-off

Aline Pádua

Todo o enredo é de total domínio da autora, sendo todos os direitos reservados. Proibida qualquer forma de reprodução total ou parcial da obra, sem autorização prévia e expressa da autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Revisão e diagramação: Aline Pádua

Ilustração: Queen Designer

Imagens: nensuria / Freepik

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[Nota da autora](#)

[Playlist](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

[Contatos da autora](#)

Sinopse

Ele tinha tudo o que qualquer pessoa pode querer, mas poucos conseguiam entender como era estar em sua pele. Damien Reed Harris cresceu cercado de amor e muito carinho, porém, mesmo tentando, seus pais não conseguiram protegê-lo de tudo. O problema consistia em como era visto pela maioria de pessoas: a galinha dos ovos de ouro. Mas em meio ao mar de olhares que ambicionavam apenas seu dinheiro e círculo social, tinha ela. A mulher que amou por toda vida, e que mesmo tentando respeitar as escolhas, e tendo sido abandonado, sabia: ela o pertencia.

Mary Willians Carter teve um impasse por toda a vida, e ele estava de volta, logo após o comunicado de seu casamento, pronto para deixá-la ainda mais perdida diante de seus olhos verdes. A diferença de onze anos já não era tão nítida... Mas ele era jovem demais, lindo demais, intocável demais... Era tudo o que ela não podia ter, não depois de tê-lo deixado. Deixar Damien no passado foi sua decisão, mas mesmo depois de se afastar, desde tudo o que compartilharam, olhá-lo era como estar em casa novamente. O medo e a felicidade estavam à sua frente, e ela tinha uma escolha a fazer.

Um olhar, e ela estava entregue...

Um toque, e ela o teria para sempre...

Afinal, qual será sua escolha?

Nota da autora

Esse livro é um spin-off da série 93 million miles, contando a história de Damien, filho do casal principal do livro 3, e Mary, irmã do personagem masculino principal do livro 2. Pode ser lido independentemente.

Importante: O livro intercala entre acontecimentos do passado e do presente.

Boa leitura!

Playlist

Begin again – Taylor Swift
Happier – Ed Sheeran
Heaven – Julia Michaels
Little house – Amanda Seyfried
Perfect – Ed Sheeran
Photograph – Ed Sherran
Pillowtalk – Zayn
Skinny love - Bird
Then – Anne-Marie
Thinking out loud – Ed Sheeran
Wildest dreams – Taylor Swift
Worst in me – Julia Michaels
You are the reason – Calum Scott
Yours – Ella Henderson

“Quando falo em ficarmos juntos, não estou falando em lua de mel. Estou falando de você e de mim, duas pessoas reais. Quero acordar de manhã com você ao meu lado, quero chegar à noite e jantar com você. Quero compartilhar com você cada detalhe bobo do meu dia e ouvir cada detalhe do seu. Quero rir junto com você e dormir com você em meus braços. Porque você não é só alguém que amei no passado. Você era minha melhor amiga, a melhor parte de quem eu sou, e não consigo me imaginar desistindo disso outra vez. - Ele hesitou, buscando as palavras certas. - Eu lhe dei o melhor de mim e, depois que você foi embora, nada jamais voltou a ser o mesmo. Sei que está com medo - prosseguiu ele. - Eu também estou. Mas se fingirmos que nada aconteceu, se deixarmos essa chance passar, não sei se teremos outra.”

O melhor de mim, Nicholas Sparks

Para todos os corações que necessitam e acreditam em segundas chances.

Prólogo

“O talento para sofrer e suportar,
isso é nobreza, amigo.
O talento para sofrer e suportar por uma ideia, um sentimento, um caminho,
isso é arte, meu amigo.
O talento para sofrer e suportar quando o amor fracassa,
isso é o inferno, velho amigo.”^[1]

No passado, sete anos antes...

Damien

Ela estava linda!

Linda era um adjetivo ridículo perto do que ela realmente representava. Meu coração batia freneticamente, diante da beleza daquela mulher. A qual meu coração se entregou por completo. Ela andava com um sorriso aberto, cumprimentando a todos de forma educada, cativando cada um, do modo que apenas ela sabia fazer.

Assisti a cena de longe, escorado contra a pilastra do jardim de seu irmão. Desde que Mary se mudou para Montpelier, quando ela tinha apenas cinco anos, minha mãe conta que nunca a soltei. Mesmo novo, eu já a amava. Com o tempo o amor apenas se transformou e cresceu. Aos dezoito, eu tinha plena certeza do que queria, e finalmente, ela me daria a chance que foi prometida.

Ser apaixonado por uma mulher onze anos mais velha nunca foi um problema, mas Mary sempre ficou reticente por conta disso quando descobriu meus sentimentos, assim que me declarei para há cerca de dois anos. Nossas famílias eram unidas, próximas em qualquer momento, e ela temia que de alguma forma, um relacionamento entre nós, acabasse por prejudicar aquilo.

Via claramente em seus olhos castanhos toda vez que me encarava. Ela sentia o mesmo, sempre sentiu, mesmo que em intensidade diferente. Porém, eu tinha a meta de conquista-la todos os dias se fosse preciso.

— Você é tão óbvio, bobão!

Encarei Lizzy, revirando os olhos. Ela era a sobrinha de Mary, e éramos próximos, como verdadeiros irmãos, já que nossa diferença de idade era mínima. Lizzy era três anos mais nova, e conviveu comigo todos os momentos turbulentos de nossa infância. Ser filho de Gabe Harris ou filha de Luke Willians, nunca foi fácil. A mídia sempre nos perseguiu, em busca de uma foto para publicarem. A perseguição só piorou com o tempo, mas felizmente, aprendemos a fugir deles.

— Por que está com essa cara? — notei seu semblante fechado, e ela revirou os olhos.

— Não sei porque estamos aqui. — dou de ombros. — Meus pais sabem que odeio esse tipo de comemoração.

— É seu aniversário, Lizzy. — refutei, e ela me encarou com desgosto, para sair bufando em seguida.

Sorri da cena, vendo-a ir até Mary, que trazia uma sacola gigante, com certeza com presentes. Era o aniversário de quinze anos de Lizzy, sabia que Luke poderia lhe dar qualquer coisa, mas ela praticamente fugiu de todas as ideias de Nora, Valerie e Selena. Se tem uma coisa que Lizzy odiava eram festas, e para ao menos ter uma comemoração, cedeu aos pedidos de sua mãe, e aceitou um momento em

casa, junto com os mais íntimos. Ela só não contava com o fato de que Nora daria um jeito de trazer todos os colegas de classe da escola, e mais algumas pessoas.

Era uma festa informal, mas ainda não conseguia desviar o olhar da mulher linda a minha frente. Mary era única! Sua pele negra brilhava diante das luzes espalhadas pelo jardim, com os cachos soltos que caíam sobre seus ombros, os olhos castanhos que me mostravam sua alma, a boca carnuda pintada de vermelho que me deixava louco. Ela era perfeita.

Assim que me viu, seu sorriso se modificou, deixando-me um pouco tenso. Ela olhou ao redor, conferindo que todos os que amávamos também estavam ali, e com toda certeza, estavam olhando tudo. Em passos lentos chegou a minha frente, e seu cheiro me deixou praticamente sem chão. Ela era meu calcanhar de Aquiles.

— Oi, carinho. — falei com carinho, e ela abriu a boca algumas vezes, como se procurasse o que dizer. — O que foi?

— Gabe me disse que você não viria. — franzi o cenho. — Você foi aceito na universidade, Damien! Por que não foi resolver sua vida?

— Ora, porque a faculdade que me aceitou é muito longe daqui, e nem pensar que ficarei longe de você.

Ela suspirou fundo, olhando para o chão, como se já esperasse essa resposta. Não consegui entender, era como se a tivesse decepcionado. Por que diabos ela não estava feliz?

— Por que está assim?

— Dam... — seu olhar parou no meu. — Não pode continuar com isso.

— O que? — perguntei incerto.

Ela então tocou minha mão, e olhando rapidamente para os lados, levou-me até a saída da casa. Antes que pudesse dizer algo, Mary nos levou até minha casa, que era a do lado. Assim que alcançamos os fundos, onde tinha um pequeno conjunto de árvores e apenas a luz da lua iluminava, ela parou.

— Ainda não me respondeu. — insisti, e ela começou a andar de um lado para o outro, sem me encarar. — Carinho, eu...

— Não pode, Damien! — encarou-me. — Não pode continuar achando que me ama. Isso é errado, e você sabe disso!

Suas palavras me atingiram em cheio, mas já estava acostumado. Mary sempre me falou para sair com mulheres da minha idade e esquecê-la. Mas como eu faria? Eu a amava profundamente, e não conseguia sequer olhar para outra.

— Não me diga que é novamente por conta da nossa diferença de idade. — fui incisivo, e dei passos para perto dela, puxando-a para meu encontro.

Mesmo sendo mais novo, era bem mais alto, e naquele instante, era como o paraíso tê-la tão próxima.

— Eu te amo, carinho. — toquei seu rosto, e ela desviou o olhar, deixando-me irado. — Você disse há dois que me daria uma chance assim que completasse dezoito.

— Eu pensei que essa sua ideia ridícula mudaria! — seu olhar era frio, e me afastei, sem saber o que dizer. — Olha pra mim, Damien! Olha pra você! Somos diferentes em tudo. Não é só a idade... Eu simplesmente não posso!

— Mas você me ama, Mary. — insisti, tentando tocá-la, porém ela se afastou.

Sem conseguir me segurar, puxei-a e baixei meus lábios sobre os seus. Era o primeiro passo que dava, desde que ela me prometeu uma chance. Por mais que tentasse tê-la entregue, senti seu corpo rígido sob meu toque. Era a merda do meu primeiro beijo, completamente frustrado.

Afastei-me, sentindo meu coração em risco e minha mente uma completa confusão.

— Eu não... Eu não te amo, Damien! — encarou-me decidida. — Não da maneira que imagina.

— Mas a sua promessa, nossos momentos e...

— Foi apenas uma maneira de te enrolar para que tirasse essa ideia sem nexo da mente. — encarei-a incrédulo. — Os momentos juntos foi como sempre, apenas amigos.

— Mary...

— Eu amo outra pessoa.

Meu mundo ruiu, e minha garganta ficou seca. Ela não podia estar falando sério. Não a via em meses, desde o meu aniversário de dezoito anos, o qual ela sequer apareceu, e apenas me mandou uma mensagem. Mas pensei que ela apenas queria me surpreender, e quem sabe, finalmente me deixar ser seu. Porém, eu estava errado. Dois anos ansioso por alguém que nunca me amou... Dois anos para ela me dizer que ama outro.

— Por que me fez acreditar que me amava? — perguntei com desdém, tentando segurar as lágrimas.

— Eu nunca disse isso.

Ela tinha razão. Nunca saiu dos seus lábios as palavras que eu tanto ambicionava. Porém, seu olhar era tão certo para com o meu, que não tinha dúvidas. Maldito coração!

— Mary, me diz a verdade. — insisti. — Tem algo errado, sei que tem. Não pode simplesmente amar outro sendo que...

— Ah, porque o que Damien Harris quer, ele tem, não é? — riu com desgosto. — Esse é seu problema, Damien. Não sabe aceitar que não pode ter algo.

— Mas eu...

— Eu tenho um namorado e o amo! — suas palavras me quebraram por dentro. — Não tenho mais tempo para ficar esperando que mude essa ideia tola. Apenas aceite, eu nunca fui e nem serei sua.

Sem dizer mais nada, ela saiu, deixando-me perdido em pensamentos e tentando entender toda aquela situação. Não conseguia acreditar em sequer uma palavra que saiu de sua boca, mesmo que tenha dito em alto em bom som, encarando-me profundamente.

Ela podia pensar o que quisesse, mas sempre seria apenas minha.

Capítulo 1

“Ontem chorei. Por tudo que fomos. Por tudo o que não conseguimos ser. Por tudo que se perdeu. Por termos nos perdido. Pelo que queríamos que fosse e não foi. Pela renúncia. Por valores não dados. Por erros cometidos. Acertos não comemorados. Palavras dissipadas. Versos brancos. Chorei pela guerra cotidiana. Pelas tentativas de sobrevivência. Pelos apelos de paz não atendidos. Pelo amor derramado. Pelo amor ofendido e aprisionado. Pelo amor perdido.”^[2]

No presente

Mary

— Você está linda, querida. — forcei um sorriso para minha mãe, que parecia deslumbrada diante do vestido branco que acabei de colocar.

Na realidade, me sentia *ridícula*.

Dei mais uma voltinha com o vestido, encarando os vários espelhos ao redor, tentando me encontrar diante daquela imagem. Porém, minha mente como sempre estava longe, onde eu não podia estar.

Levei a mão ao peito, sentindo como sempre o mesmo pesar, e a palavra saudade, novamente fez todo sentido. Minha mãe olhou-me como quem sabia, já entendia bem o que me afligia naquele momento. A decisão de me casar, era a mais difícil que tomei em toda minha vida. Por um lado, a pior.

— Filha...

— Está tudo bem, mãe. — engoli em seco. — Vai passar, eu só preciso de um pouco de água e casa.

— Mas esse vai ser o vestido? — perguntou sem jeito, e assenti, sem querer olhar para os outros tantos pendurados em uma arara.

— Sabe que não me importo com isso.

— Mas eu me importo, Mary. — falou com pesar, e veio até mim.

Mamãe tocou meu rosto com carinho, e segurei o choro, tentando não pensar mais no passado. Ainda doía muito a vaga lembrança que tinha de Damien, ainda me sentia quebrada e culpada por minhas escolhas. Ao final daquela história, me tornei o que mais temia: a mulher errada para ele.

— Precisam conversar, Mary. Vocês merecem isso!

— Passei do tempo de merecer algo, mãe. — dei de ombros, tentando enganar a mim mesma de que não importava.

Por dentro, eu era caos.

— Vem cá!

Ela me puxou para seu abraço, e naquele instante fui teletransportada para o momento em que a tive assim pela primeira vez. Naquele orfanato, sozinha, já sem esperanças de ser adotada, até que apareceram Alisson e Henry Carter. Os dois eram como anjos enviados a minha vida, que muito além do sangue, fizeram-me enxergar o que de fato era uma família. Deram-me o bem maior que qualquer pessoa pode querer – amor verdadeiro.

Permiti que uma lágrima descesse e tentei ao máximo me controlar. Meu peito parecia querer explodir a cada dia em que me lembrava de Damien e de como nossos caminhos se desencontraram. Porém, apesar dos pesares, e de todos aqueles anos, uma coisa persistia em me rondar: saudade.

Damien era minha saudade mais bonita.



— Tem certeza que quer ficar aí sozinha? — assenti, dando um beijo no rosto do meu pai.

Saí do carro, e fui em direção a casa de Luke que no momento se encontrava vazia, já que ele e sua família resolveram ir a Malibu. Dei um leve aceno para meus pais que ainda me encaravam com preocupação pela janela do carro, e felizmente, acabaram me deixando só. Depois de anos em Baltimore, era estranho estar de volta. Eu precisava de tempo de tudo, apenas para pensar. Por isso, meu próprio noivo estava num hotel, enquanto ficava na casa de meu irmão.

Não morava com Luke há muito tempo, mas ainda assim, estar ali, era como respirar novamente. Depois da reviravolta que minha vida deu, nunca mais consegui voltar a meu antigo apartamento. Agora, de volta a Montpelier, onde iria recomeçar minha vida após o casamento, não sabia sequer o que fazer com aquele lugar.

Joguei-me contra o sofá e fiquei apenas encarando o teto por alguns instantes. Senti-me perdida, com a dor encrustada em meu peito. O passado ainda me atormentava, por ter perdido muito mais que Damien ao escolher deixá-lo. Uma escolha que ao menos gerou sua felicidade, e mesmo estando feliz por ele, os “se” ainda me acompanhavam. Sonhos e pesadelos, baseados em uma saudade de tudo aquilo que não vivi, e nem poderei ao seu lado.

Comecei então a cantar baixinho uma das músicas que mais adorava na época de minha adolescência, e que me fazia lembrar novamente dos meus olhos verdes favoritos. O tempo retrocedeu de repente, e me encontrei dentro de um dos momentos que mais amava: sentar no chão do jardim, com todos da nossa grande e bagunçada família, para cantar e tocar. Era único, e sentia uma falta absurda daquilo.

*“Now it's like we're scared of getting good
(Agora é como se tivéssemos medo de ficar bem)
Cause we know the truth is that we could
(Porque sabemos a verdade é que poderíamos)
Yeah we know that we might actually work
(Sim, sabemos que podemos realmente dar certo)
And the truth is that we could
(E a verdade é que nós poderíamos)*

*But maybe it's the worst in me
(Mas talvez seja o pior em mim)
That's bringing out the worst in you
(Isso traz o pior em você)
I know we could fix these kinks
(Eu sei que podemos corrigir essas distorções)
But the worst in me doesn't want to
(Mas o pior em mim não quer)
Work on things
(Trabalhar em coisas)*

*But the best in me wants to love you
(Mas o melhor em mim quer amar você)
But the worst in me doesn't want to
(Mas o pior em mim não quer). ”^[3]*

— Onde está Lizzy?

Dei um pulo, assustando-me com a voz *dele*. Não queria olhar, não queria sequer acreditar... Ele não devia estar em Londres? Um looping tomou conta de minha mente, diante do homem a minha frente. Respirei fundo, mirando-o e sabia que se estivesse em pé, já teria caído de cara com o chão. Minhas pernas não tinham forças, por apenas encontrar seus olhos verdes.

Malditos olhos que me perseguiam...

— Como vai, Damien?

Fiz a melhor cara impassível, tentando a todo custo não entregar de bandeja a dor que me assolava. Porém, ainda sim, ele parecia conseguir me ler por inteira. Entretanto, o olhar frio em seu rosto, o sorriso cínico em sua boca, deixavam claro: ele mudou.

Eu tinha me tornado apenas seu pior erro. De certa forma, ele estava certo.

— Estou ótimo. — o sorriso cínico se ampliou ainda mais, fazendo meu coração sangrar.

Vê-lo nos lugares, e simplesmente fugir era tão mais fácil. Estar em um lugar apenas com ele, querendo jogar tudo para o alto e contar-lhe a verdade, mesmo que não mudasse absolutamente nada, que tornava tudo mais difícil.

— Pelo jeito só você está aqui. — assenti, focando em qualquer lugar da sala, menos nele. — Qual o problema, Mary? Sou tão infantil que não pode sequer me encarar?

— Damien...

— Qual o maldito problema, em? — encarei-o assustada. — Eu vim ver Lizzy, não encontrar você. Não pense em nenhum momento que planejei e...

— Damien, eu não pensei isso em momento algum. — falei por fim, sentindo o bolo se construir em minha garganta. — Não sou a mesma de antes.

Ele riu, gélido da forma que nunca o tinha visto. Era real a forma como me tratava, olhava, e instigava... Não existia mais amor nele, não por mim. Fechei os olhos, tentando evitar as lágrimas, tentando não demonstrar que a cada dia era mais difícil esconder o que de fato sentia. Sua real mudança para Londres, onde escolheu como casa após concluir a universidade, ajudou-me a não pirar por completo, mas a cada breve reencontro, era como uma faca em meu peito.

Ele mudou ainda mais, se tornou um homem incrível, como sempre soube que seria. Meu pequeno tinha se tornado um homem ainda mais sexy do que me lembrava, inteligente e perspicaz, e mais evidente de tudo... Sua essência continuava lá, a bondade e carinho com todos. Todos que não fossem a mulher que o abandonou.

— Engraçado ouvir isso. — respirei fundo e abri os olhos, encontrando o verde dos seus. — Também não sou o mesmo. Sabe por que, Mary?

— Dam...

— Porque não sou mais o tolo garoto apaixonado pela mulher impossível. — estalou a língua, fazendo-me sentir apenas uma idiota, por não conseguir desfazer aquela conexão. — O que sentiu, em? No momento em que me abandonou e sumiu do mapa por três anos! Não tivemos a oportunidade de falar disso antes, mas agora... É um bom momento.

— Dam, eu não posso.

— Damien. — corrigiu, e senti meu coração falhar uma batida. — Nada de intimidade, não é?

— O que realmente veio fazer aqui? — tomei coragem de perguntar, levantando-me, para por ao menos um fim naquela angústia. — Todos sabem que Luke, Nora e Lizzy foram para casa de Nick em Malibu! Assim como seus pais estão lá! Você mora em Londres! O que quer de mim, Damien?

Por um segundo vi o resquício do Damien que tinha meu coração ali presente. Mas não durou muito, pois o sorriso cínico voltou à ativa, e senti-me pequena, quebrada e completamente desolada.

— Se acha muito importante, não é? — desviei o olhar, sentindo minhas pernas falharem. — Mas tem razão, sabia que Lizzy não estava aqui. E realmente deveria estar em Londres.

— Por que, Damien? — a pergunta que me atormentou por tantos anos, finalmente em voz, mas ele não a entenderia. Já que de fato queria perguntar: por que me ama? Mas temia demais a resposta. — Por que está aqui? —

— Talvez porque não tenha aprendido nada durante todo o tempo que fui deixado de lado. — sorri com soberba. — Mas, sinceramente, olhando pra você agora, eu não me importo com mais nada. Nem com meu orgulho!

Sei dizer mais nada, apenas senti sua mão em minha nuca, e seus lábios desceram para os meus. Um toque, e tudo ao redor pareceu sumir. Damien era o homem que me marcou, que me fazia perder qualquer raciocínio. Quatro anos sem sentir seu gosto... E tive novamente a sensação dos meses que passamos juntos no passado. Meu coração gritava por ele, assim como cada célula do meu corpo clamava para que me separasse e contasse toda a verdade. Mas era covarde demais...

Da mesma forma que senti seu corpo próximo ao meu num segundo, no outro, ele se afastou. Um pouco desnorteada, o encarei sem conseguir me manter direito em pé. O olhar dele me disse tudo, e sabia, ele estava apenas se vingando.

— O noivo sabe que a futura esposa dele beija qualquer um por aí?

Ele queria me magoar, e estava conseguindo. Mas ainda assim, mantive-me em silêncio, tentando não absorver nenhuma de suas palavras. Aquele não era meu Damien, nem de longe. Mesmo assim, coloquei-me na posição de culpada, já que a verdade não saía de minha boca.

— Sabe que se quisesse, poderia tê-la facilmente nesse sofá? — seu olhar sedutor era impenetrável, porém tudo o que me fez sentir era tristeza. Por ser fraca demais por não resistir, e covarde demais para tentar ser feliz. — Diz que estou errado, que não sou o suficiente! Como estava naquela carta? Ah, que não passei de seu passatempo favorito.

— Vai embora, Damien! — pedi, afastando-me dele, sem querer reviver aquele momento.

— Não! — tocou meu braço, e senti meu corpo bater contra o seu. — Não vou!

— Dam...

Ali, naquele olhar verde, encontrei o mesmo garoto de dezesseis anos que se declarou para mim. Ali, estava o homem que me levou a loucura nos melhores meses da minha vida. Ali, depois de anos, encontrei o homem que amava.

— Não vou mais embora, Mary!

Sem dizer mais nada, apenas se afastou, batendo a porta atrás de si assim que saiu. Fechei os olhos, com as lembranças atormentando minha mente. Tentando entender o que ele queria dizer com aquela frase, e o que significou aquele beijo dentre tantos anos perdidos entre nós.

Capítulo 2

“O jeito é curtir nossas escolhas e abandoná-las quando for preciso, mexer e remexer na nossa trajetória, alegrar-se e sofrer, acreditar e descreer, que lá adiante tudo se justificará, tudo dará certo.”^[4]

Seis anos antes...

Mary

Cheguei totalmente atrasada ao espaço de festas do próprio condomínio que morávamos, e foquei no mesmo instante em encontrá-lo. Assim que o fiz, ao olhá-lo de longe, senti toda a culpa me invadir. Era a festa em comemoração do seu aniversário de dezenove anos, e feito uma completa idiota, estava sem reação. Em seu último aniversário acabei fugindo, porque saber que ele tinha finalmente dezoito, apenas me lembrava da promessa que fiz. Que infelizmente, não podia cumprir.

Desde que Damien declarou com apenas dezesseis anos, aquela promessa foi a melhor saída para que ele entendesse e visse durante os anos que se passassem que seu amor por mim era apenas uma fantasia de sua mente jovem. Mas como nada na vida é definido, mesmo após dois anos, ele pareceu ainda mais decidido quando me confrontou a respeito. Tive que mentir, praticamente me obrigando a não ser a responsável de destruir todos os seus sonhos e principalmente, suas experiências.

Gabe e Jess tinham comentado com Luke a respeito das universidades que Damien foi aceito, e como seria incrível se ele fosse para fora do país. Eu sabia, era um sonho dele. Mas também sabia que ele pararia tudo por minha causa, porque de certa forma o entendia, por ele, faria o mesmo. Porém, não poderia ser egoísta, e não permitiria que perdesse suas oportunidades. As palavras que proferi com certeza o machucaram, mas era minha forma de obrigá-lo a enxergar que existia um mundo lá fora além de mim.

Ver seu sorriso em fotos e em breves vezes que ele vinha a Montpelier, fazia minha culpa desaparecer por alguns segundos. Vendo-o, naquele instante, sorrir para os pais, a frente de uma grande mesa com o bolo de seu aniversário, senti falta dos momentos que aquele sorriso era meu. Damien e eu tínhamos onze anos de diferença, mas aquilo de fato nunca me importou. O cuidado que sempre tive com ele era espontâneo, assim como o amor que cresceu a cada dia e foi se transformando. Porém, tudo o que decidi priorizar era sua felicidade. Se fossemos realmente um do outro, um dia, tinha certeza, estaríamos juntos.

Caminhei um pouco sem jeito para onde Lizzy estava, como sempre, discutindo com George, o filho mais velho de Valerie e Tim, algo a respeito da faculdade que ele cursava, já que ela também queria cursar direito num futuro próximo. George ria abertamente da cara dela, como se a provocasse. Quem os visse de fora com certeza imaginaria um casal apaixonado discutindo, porém, ele estava mais para o irmão mais velho implicante e ela a caçula chata. Ambos completamente doidos por estudos, porém, mesmo se parecendo muito, acabavam brigando por qualquer coisa.

— Não cansam de brigar? — provoquei, e os dois voltaram os olhares em minha direção.

Lizzy me encarou com deboche, e George como sempre deu de ombros. Ambos já tinham se acostumado a discutir sobre tudo, mas odiavam ser atrapalhados no meio de algo.

— E você? Não cansa de fugir de Dam?

Lizzy, como sempre, uma pequena implicante.

— *Touché*. — George respondeu por mim, e encarei ambos com deboche.

— Nem sei do que estão falando. — fiz-me de desentendida.

Saí de perto deles e fui até onde minha cunhada, Nora, a todo custo tentava sair dos braços de meu irmão. Sorri da cena, o que a fez me olhar e bufar baixinho.

— Saudade de quando éramos maioria naquela casa. — falou com raiva, e meu irmão continuou prendendo-a pela cintura, sobre seu colo.

— Mas você e Lizzy não são duas? — provoquei, e Luke sorriu abertamente, do jeito metido de sempre.

— Isso mesmo, maninha! Defenda seu irmão que sempre será minoria.

— Mary! — ela chamou minha atenção, e sentei na cadeira a frente dos dois. — Não dê razão a Luke, ou é bem capaz de que use isso como drama para vida toda.

— Mas o que está fazendo enclausurada no colo dele? — sorri, e Luke me encarou desgostoso, como quem diz: Me apoia!

— Seu irmão invocou que os amigos de Damien estão me olhando, e portanto, tenho que ficar presa no colo dele, pra que saibam que tenho dono. — revirou os olhos, e assim que meu irmão se distraiu, deu praticamente um pulo e saiu do colo dele.

Gargalhei da cena, da cara de tacho que Luke ficou ao vê-la de pé, e assistindo-a caminhar para perto da mesa de doces, onde Valerie estava.

— Culpa sua. — acusou, e fiz minha melhor cara de inocente. — Agora vou ter que sair batendo em todos os babacas que ficam secando minha mulher.

— Deus, Luke! Nora sozinha dá conta de cortar a asinha de qualquer marmanjo que sonhe em pensar nela. — ele pareceu pensar um pouco, mas continuou bufando. — Não seja um idiota ciumento, irmão!

— Eu... Droga! Exagerei, né? — assenti, e ele passou as mãos pelos cabelos longos.

Era estranho, mas Luke tinha combinado ainda mais com seus cabelos longos. Pouco tempo depois que Lizzy nasceu, ele decidiu parar de raspar os cabelos, e agora, era até engraçado comparar seu antes e depois. Mas essa decisão só deixou as fãs da banda mais doidas e Nora ainda mais ciumenta. Eles eram lindos e doidos, mas o casal mais fofo que conheci.

— E você? — perguntou de repente, e peguei a taça de água sobre a mesa, tomando um gole. — Não me olhe assim, vejo que se afastou de Damien.

— É complicado, Luke. — suspirei fundo. — Ele tem uma vida toda pela frente, e eu... Posso esperar.

— Mas e se ele não puder? — abri a boca pra responder algo, mas me calei, sentindo o medo aflorar sobre meu corpo.

— Se ele for feliz... Seja com quem for, eu ficarei bem.

— É fácil dizer isso, irmã! — pisquei consternada. — Fale com ele, talvez seja melhor serem ao menos amigos... O futuro deixa acontecer.

— Obrigada. — ele sorriu, pegando minha mão sobre a mesa, e deixando um leve beijo.

Luke era o irmão perfeito e um homem incrível. Ele me conhecia tão bem que foi a primeira pessoa a me questionar sobre Damien no passado, pois de certa forma percebeu como fiquei pasma após o dia em que Dam me falou sobre seus sentimentos. Sentia-me culpada por causar aquilo em um garoto, e pior, por corresponder. Luke foi quem me acalmou e disse que com o tempo conseguiria entender de fato o que sentia.

Hoje, com trinta anos, conseguia entender que não tinha como controlar tais sentimentos. Nunca

foi um desejo ou paixão, eu o amava desde sempre. O amor apenas se transformou em algo mais ao decorrer do tempo.

— Ei! — assustei-me ao sentir mãos em meu ombro.

— Essa é minha deixa! — Luke falou, já se levantando. — Vou atrás da minha mulher e pedir desculpas. Oi, Pen!

— Vai logo, Luke! — Penelope falou, fazendo-o rir, e sentando-se na cadeira vazia ao meu lado. — E aí, cunhadinha!

— Oi, Pen.

Era engraçado olhar para ela, que logo faria quinze anos, e era a cópia fiel de Damien, tirando os cabelos loiros. Penelope era irmã caçula dele, e como tal, também era encantadora. Além de tudo, Pen era uma das poucas de nós, que pertencia a família da banda de rock de maior sucesso de todos os tempos, a 93 million miles, que sonhava em viver da música. Assim que ela subia num palco ou resolvia cantar no centro da cidade, todos paravam apenas para olhá-la e admirar. Ela tinha talento de sobra, e com certeza, realizaria seu sonho.

— Por que sumiu? — suspirei fundo, encarando a acusação em seus olhos. — Damien ficou meses fora do país por causa do primeiro ano da faculdade, mesmo assim, você não apareceu. Antes, fugia dele, mas ia me ver. Agora que ele não está, de repente esqueceu que adoro ouvir tudo sobre sua vida. — seu tom de brincadeira era claro, porém, consegui notar a mágoa em seus olhos.

De certa forma, tinha realmente negligenciado nossas conversas. Pen adorava conversar sobre tudo, e meu carinho por ela era imenso. Éramos próximas por conta de sermos vizinhas, e praticamente tê-la visto crescer. Ela adorava me chamar de cunhada, e provocar a respeito. Mas no fundo, era uma das pessoas que torcia por nós. Era ainda pior, porque “nós” não existia.

— Desculpe. — falei com pesar. — Ele foi embora pouco tempo depois de uma briga que tivemos... Disse coisas que não deveria e bom, acho que o magoei, ou melhor, tenho certeza. Ia ser difícil ir lá e ver cada detalhe dele ao redor, fora seus pais que estão em êxtase. Jess poderia quebrar minha cara caso desconfiasse de algo, e não seria muito difícil. Ela é ótima em tirar tudo de qualquer pessoa.

— Pensando por esse lado... Faz sentido. — sorri sem jeito. — Mas pode ter certeza que vou na sua casa te atormentar. Somos vizinhas, não é tão difícil, né?

— Sarcasmo não combina com você, Pen. — provoquei.

— Dam diz o mesmo. Aliás, vamos cantar os parabéns! Por isso vim aqui.

— Ok, vamos lá!

A passos incertos, ao lado de Pen, aproximei-me do grande conjunto de pessoas ao redor da mesa principal, onde Damien estava com seus pais. Não era comum aquele tipo de festa, principalmente para alguém que completava dezenove anos, mas todos ali adoravam comemorar cada ano passado. Era como uma tradição de família.

Assim que parei, meu olhar encontrou o dele, e senti meu coração falhar uma batida. Eu realmente sentia falta de apenas poder olhá-lo. Abri um pequeno sorriso, e fazendo meu peito de acalmar, ele correspondeu. Ao menos, ele não me odiava.



Após os parabéns ser cantado, segurei com força o pequeno embrulho em minhas mãos, caminhando um pouco sem jeito para fora do salão de festas, em direção a casa de Damien. Parei, no mesmo lugar onde disse todas aquelas coisas há cerca de um ano. Eu sabia que ele estava me seguindo,

pois, seu olhar não desgrudou o meu depois que me viu. A nossa conexão era tão inexplicável, que era como se ele soubesse que algo precisava ser dito.

— Ei! — ouvir sua voz era como encontrar a paz.

Me virei e senti-me uma completa idiota por ter magoado o homem a minha frente. Ele merecia “mais” de mim. Porém, ainda precisava deixa-lo seguir seu caminho sem amarras.

— Feliz aniversário! — fui até ele, e estendi o presente.

Ele aceitou de bom grado, mas me puxou levemente pelo braço, e entendi, o que ambos precisávamos ia muito além das palavras. Abracei-o com força, e sentir seus braços ao meu redor foi como estar em casa. Sentia-me constantemente dentro de um clichê interminável. Ele me fazia sentir de tal forma.

Engraçado era sentir seus braços ao redor de todo meu corpo, e minha cabeça batendo em seu peito. Quando ele tinha crescido tanto e se tornado um homem daquele tamanho?

— Sinto muito. — fui sincera, ao me afastar, e encarar seus olhos verdes. — Pela falta no seu aniversário de dezoito, pela promessa, por minhas palavras... Sei que te machuquei, Damien! Mas quero que saiba que me importo, e não quero mais essa distância entre nós.

— Eu moro na Europa agora, não tem como não estar distante. — brincou, e bati de leve em seu peito.

— Sabe o que quero dizer, não é? Não tinha namorado, nem alguém que amo... Eu só não correspondo seus sentimentos, e acabei metendo os pés pelas mãos.

Aquela mentira saiu facilmente por meus lábios, talvez por todos as horas que passei treinando o que diria a ele. Se ele soubesse...

— Eu entendo, Mary. — suspirei fundo, ainda vendo dor em seus olhos verdes. — Mas não me peça para concordar.

— Amigos? — perguntei com cautela, sentindo-me uma completa idiota.

Ele merecia viver tudo o que podia lá fora. Ao menos, aquelas palavras idiotas que disse o fizeram ir para uma ótima universidade fora do país e viver o sonho de morar fora, o qual sempre me contou que desejava.

— Nunca deixamos de ser. — abracei-o novamente, e inspirei seu cheiro, sentindo-me completa.

Ao menos, por um instante, aquele momento era nosso.

Capítulo 3

“E pensamentos? Que nem são exatamente pensamentos, mas memórias, farrapos de sonho, um rosto, premonições, fantasias, um nome (...).”^[5]

No presente

Damien

Jurei a mim mesmo que seria controlado. Que em momento algum após entrar naquele avião me deixaria levar por meus sentimentos. Ledo engano.

Eu sabia que ela estava ali, que organizaria tudo de seu casamento exatamente naquele lugar. Tentei me controlar, dizer que não me importava, mas era impossível. Aquela mulher ainda atormentava meus pensamentos, e além de tudo, meu coração. Por mais que tenha tentado refrear meus sentimentos desde que ela me deixou, era como se estivesse cravada em minha pele.

Entrei no escritório de meu pai, e fui direto até suas bebidas. Ao menos algo forte poderia me fazer acordar daquele verdadeiro pesadelo. Mary estava de casamento marcado, e o homem para o qual ela disse “sim” não era eu.

Coloquei uma quantidade além do comum de uísque no copo, e levei a bebida a boca virando o líquido com tudo, fazendo minha garganta queimar. Mesmo assim, o gosto de seus lábios ainda parecia vivo em cada célula nervosa de meu corpo. Como poderia? Pensei em mil maneiras que as coisas aconteceriam quando finalmente conseguisse encará-la, depois de três malditos anos.

Mas no fim, não consegui resistir. Era mais forte do que eu, de forma que nada pareceu mais certo do que beijá-la. Não me importou o fato do nosso rompimento, do seu adeus, dos anos passados, do seu casamento... Éramos apenas nós. Por um segundo, nada pareceu nos separar.

Joguei-me contra a poltrona e passei as mãos pelos cabelos nervosamente. Aquele plano imbecil de seduzi-la para algo maior, parecia ainda mais sem nexos. Bem que Lizzy me disse várias vezes que seria idiotice, assim como Carl, que de todas as formas tentou me convencer a simplesmente conversar com Mary. Uma conversa nunca seria o suficiente. Pois Mary merecia mais, eu merecia... Nós merecíamos mais que meia dúzia de palavras que poderiam facilmente se perder.

Além de tudo, a queria de volta por livre e espontânea vontade. Uma conversa poderia pesar sua consciência, até mesmo fazê-la fugir. Queria a mulher que se entregou a mim há cerca de quatro anos, completamente decidida. Aquela Mary não poderia ter me esquecido... Sei bem que ela não me esqueceria.

Mas e depois de tudo? Como ela pensava? Como agiria a seguir? Só o fato de ela ter aceitado se casar, deixava claro que não era a mesma. Ela sempre me disse, ao menos quando ainda estávamos juntos, que nunca se entregaria a um homem se não fosse por amor.

— *Eu acredito em amor verdadeiro, e você?* — *perguntou tímida, passando os dedos de leve sobre meu abdome.*

— *Está mesmo fazendo essa pergunta para o cara que te ama desde sempre?* — *brinquei, e a mesma sorriu, iluminando por completo seu rosto.* — *Mas sério, carinho... Se isso não é amor, não tenho ideia do que seja.*

— *Eu... Eu te amo, Damien!* — *pisquei incrédulo, vendo a fragilidade estampada em sua face. Ela estava de fato entregando seu coração.* — *Sei que errei no passado, vou errar no... no futuro. Mas*

essa sou eu, a mulher que te ama.

Uma lágrima desceu por seu rosto, e limpei-a rapidamente, tocando sua bochecha com carinho. Nunca a vi tão abalada por algo. Mas era como meu reflexo, pela primeira vez, sem precisar supor, eu ouvi as palavras que tanto sonhei. Ela era minha, e eu completamente dela.

— E isso. — levei sua mão até meu peito desnudo, colocando-a sobre meu coração. — É só seu. Ela subiu o olhar, e logo sua boca alcançou a minha. Era a perfeição, meu verdadeiro nirvana.

De pensar que já tinham se passado quatro anos desde aquele momento. Foram os melhores meses da minha vida, que em seguida, se tornaram meu maior caos. Ser deixado por ela, foi como sentir uma faca direto em meu coração e o mesmo sendo arrancado. Quase um ano vivendo por completo nosso amor, entre idas e vindas de Londres a Montpelier, ambos nos deslocando, e depois, mais de três anos sem notícia alguma.

Subi as escadas até meu antigo quarto, ainda atormentado por todas aquelas lembranças. Deixei o copo sobre o criado mudo, e peguei minha pasta onde deveria apenas ter contratos do trabalho... Mas onde guardava aquela bendita carta. A que me fazia sentir o homem mais repugnante do mundo. Na qual, encontrei a morte do amor que parecia tão real.

Abri o envelope já um pouco amarelado, e puxei a carta para fora. A letra ali deixava claro quem fora o remetente, mesmo assim, ainda me doía imaginá-la escrevendo aquilo. A cada linha que li silenciosamente, fazia-me ter raiva de tudo, do passado, das omissões, da falta de confiança... A saudade me matava, por não a ter por perto. Mas aquela carta... Quebrava-me por inteiro.

Espero que saiba que isso não é para partir seu coração. Quero apenas te dizer a verdade, sobre tudo... Sobre nós. Porque de tudo o que tive na vida, você foi meu passatempo favorito....

Não posso continuar fingindo que te amo, isso de certa forma me faz sentir uma pessoa horrível. Sua família sempre foi tão boa comigo... Você merece uma mulher que te ame. Quero mais que um casinho com o cara mais novo bonitinho, quero um homem.

Joguei a carta sobre a cama, ainda com aqueles trechos intactos em minha mente. Nunca os esqueci, mesmo com os anos que se passaram. Reli e li aquelas frases em questão incontáveis vezes, para convencer a mim mesmo de desistir. Ela não era minha... Não mais.

Peguei o copo e virei o resto da bebida, em seguida acertando a parede com força, onde o mesmo se espatifou. Gritei minha dor, tentando não me culpar por ser um completo idiota que parecia adorar a rejeição da mulher que amava.

Andei de um lado para o outro, tentando encontrar meu ponto de equilíbrio. Queria entender porque saí de Londres depois de três anos tentando me convencer de que ia esquecê-la. Mas agora me encontrava ali, onde Mary ia se casar, construir uma família e ser feliz com outro homem. No fundo, eu ainda tinha esperanças de que no momento em que o juiz perguntasse: *Você o aceita como seu esposo?* Ou até mesmo antes disso, ao simplesmente me ver, ela teria a noção do erro que cometia, e correria direto para meus braços. Mas aquilo, parecia só mais uma ilusão.

Peguei a carteira sobre o criado mudo, e saí de casa em seguida. Caminhei em direção ao lugar onde ao menos poderia esquecer tudo – o bar mais próximo.

Capítulo 4

“Não se digere amor, não se cospe amor, amor é o engasgo que a gente disfarça sorrindo de dor.”^[6]

Quatro anos antes...

Mary

Quando saí do Alabama para morar em Montpelier, nunca pensei que realmente escolheria aquela cidade como minha. Era apenas para passar meu final de ensino médio num lugar diferente, ter novas experiências. Felizmente, tudo deu tão certo, que acabei morando com Luke, meus pais vinham todo mês me ver, e eu era feliz por vê-los viajando pelo mundo, algo que sempre os vi planejar. Eu estava crescendo, e teria minha própria vida, graças a Henry e Alisson, nada mais justo do que eles viverem as próprias. Mas nunca, em momento algum, senti-me deixada de lado ou longe deles. Nos falávamos todos os dias, e sempre que podia ia até minha antiga casa, eles eram minha fortaleza.

Rodei com toda vontade ao redor da pequena sala, mordendo o lábio de felicidade, em seguida rindo feito doida, para gritar mais uma vez. Era meu... O apartamento próprio. Depois de tanto trabalho e luta, finalmente tinha conseguido meu cantinho. Poderia ter alugado um lugar antes, mas Luke praticamente me intimou, que só sairia de sua casa para um lugar próprio. Até quis me ajudar com as despesas quando contei há alguns anos o lugar que queria, mas se ele era teimoso, eu era o dobro. Por isso, trabalhei muito, guardei o dinheiro e ali estava, realizando meu sonho.

— Acho que ela realmente está feliz de não morar mais com a gente. — Luke falou, sendo dramático como sempre.

Não resisti e fui até ele, abraçando-o com carinho. Como sempre, seu abraço de urso estava preparado, e era um dos melhores do mundo.

— Obrigada. — falei ao me afastar, olhando para ele e em seguida para Nora. — Se não fossem vocês terem me aceitado em sua casa antes e...

— Ei! Nem começa! — Nora falou brava, puxando-me para ela. — Não sabe como nos mata não te ter mais em casa conosco.

— Mas são a poucas quadras do condomínio e...

— Não é o mesmo, você sabe! — sorriu, mas uma lágrima desceu por seu rosto. — Droga, menina! Como pode crescer tão rápido?

— Assim como nossa pequenina aqui! — provoquei Lizzy, que se mantinha em silêncio desde que entramos no apartamento. — O que foi?

— Vou sentir saudades, tia. — arregalei os olhos diante de sua sinceridade. Lizzy raramente falava sobre seus sentimentos. — Não me olhe com essa cara! Tenho dezoito anos, já estou aprendendo que falar o que sinto não vai fazer o mundo acabar.

— Não sendo nada disso dito a homens, eu te apoio inteiramente. — Luke interview e segurei a risada.

— Tabom, pai. Nunca mais vou dizer que te amo. — sorriu sarcástica, e meu irmão arregalou os olhos, o que fez tanto eu quanto Nora gargalharmos. — Agora que papai já deu o show ciumento de costume, me diz! Por que mesmo está saindo de casa?

— Ah, Lizzy... Quando tiver minha idade, talvez bem antes, vai entender. — ela não pareceu ficar muito convencida com minha resposta. — Mas sabe que pode ficar aqui sempre que quiser, não é?

— SÉrio, tia? — assenti, e seu rosto de iluminou. — Agora sim, vi a vantagem.

— Elizabeth Willians! — Luke ralhou, e ela o encarou com o olhar mais inocente do mundo.

— O que, papai?

Com aquele jeitinho manso de falar, e os olhos de gato-de-botas, ela o ganhava em cinco segundos. Nora e eu nos encaramos, na contagem regressiva silenciosa que sempre fazíamos no momento em que Luke começava a pirar. Cinco, quatro, três, dois...

— Foi apenas modo de dizer. — Lizzy ainda complementou, sobre o olhar atento de Luke.

Ela continuava com a mesma feição, enquanto a do meu irmão se suavizava. Sem precisar fazer absolutamente nada, ela o tinha na palma das mãos. Um... Ele então sorriu, pelo jeito de alívio, por ainda acreditar que sua filha de dezoito anos não tinha interesse em ninguém.

Se Luke soubesse...

— Enfim, que tal fazermos uma festa de inauguração do apê? — Nora sugeriu, e meu irmão bufou.
— Vai ser ótimo, Mary!

— Pode ser na semana que vem? — ela me encarou sem entender. — É que ainda vou terminar de mobiliar, decorar do meu jeito... Assim fica mais gostoso trazer todo mundo.

— Feito! — falou animada. — Ao menos, alguém da família gosta de festas.

— Anjo!

Sorri diante da cumplicidade de ambos, enquanto Lizzy parecia fazer o mesmo. Com certeza, um amor daqueles fazia a vida valer a pena.



Sentei-me no chão, agora encarando ao redor sozinha, e curtindo o silêncio. Há poucos minutos todos foram embora, e acabei ficando para pensar o que precisava comprar, e ainda mais como decorar cada parte do meu novo lar. Meu celular tocou, e dei praticamente um grito, animada por finalmente Damien estar me ligando.

Com certeza estava preocupado, já que mandei umas trinta mensagens falando sobre uma novidade, fora as vinte ligações... Ele foi a primeira pessoa que liguei para contar sobre o apartamento, no momento que peguei as chaves. Infelizmente, ele tinha se enfiado em algum lugar ou buraco negro, já sumiu durante todo o último dia.

— Ei, desaparecido. — sorri para a chamada vídeo, vendo-o franzir o cenho, assim que uma luz forte bateu sobre seus olhos verdes.

Ele estava ainda mais lindo... Como conseguia?

Tínhamos ficado ainda mais próximos após a conversa em seu aniversário de dezenove anos. Mesmo com todas as escolhas a minha frente, optei por resguardar meu amor e deixa-lo viver. Damien merecia tudo o que a vida podia lhe proporcionar. Por aquilo, meu coração se quebrava toda vez que ele contava sobre uma nova conquista em Londres, seu lar há cerca de três anos. Era sua nova casa, onde vivia seu sonho... Estava feliz por ele, mesmo estando do outro lado do oceano, e vivendo em função de sonhos sobre nós.

— Estava muito ocupado... Mas me fala, por que essa vontade louca de falar comigo? — perguntou brincalhão, assim que parou diante de um canteiro de flores.

— Bom, adivinha onde eu estou? — ele sorriu enigmático, mexendo a boca do jeito que me deixava completamente embasbacada. Não era o momento para me sentir atraída, na realidade, nunca era. Mas Damien sempre o fazia. — Dam!

— Só se adivinhar onde eu estou. — encarei-o com deboche.

— Não conheço Londres. — ele sorriu amplamente. — Por que está com essa cara de bobo?

— Bom, acho que você conhece a capital de Vermont... — mordi o lábio inferior, ainda sem entender. — Talvez saiba que em Londres não temos isso a esse horário. — ele então se mexeu, e o sol bateu diretamente sobre sua cabeça, fazendo-me abrir a boca completamente surpresa.

— Mentira! — praticamente gritei. — Você está aqui? Ah! — gritei ainda mais, e ele gargalhou. — Por que não me contou que vinha?

— Bom, porque era uma surpresa. — piscou, e quase me desfiz ali mesmo. — Surpresa!

— Pode mover esse traseiro para o meu apartamento agora mesmo! — exigi, e ele me encarou sem entender. — Não seja lerdo, Dam!

Desfiz a chamada e mandei o endereço por mensagem. Senti-me completa, sem saber explicar como era aquela sensação. Damien estava ali, o que me fez gritar ainda mais. Era o dia perfeito.

Capítulo 5

“Eu sei o quanto vai ser cansativo correr da dor, o quanto vai ser falso ignorar ela sentada no meu peito. Mas vou correr até minha última esquina. Vou burlar cada desesperada súplica do meu coração para que eu pare e sofra um pouquinho, um pouquinho que seja para passar. Suor frio da corrida, sempre com sorriso duro no rosto e o medo de não ser nada daquilo que você me fez sentir que eu era. Muita maquiagem para esconder os buracos de solidão. Muita roupa bonita para esconder a falta de leveza e de certeza do meu caminho.”^[2]

No presente

Mary

As lágrimas inundaram meu rosto, enquanto encarava meu reflexo no espelho. Respirei fundo diversas vezes, tentando me acalmar, mas ainda assim, senti-me completamente perdida. O que realmente queria, era chegar até o homem que amava, e dizer a ele que nada... Nada mudou desde o dia em que nos entregamos aquele sentimento.

Mas Damien era feliz, ao menos, parecia. Tornei-me apenas uma das sombras em seu caminho. Segurei-me contra a bancada de mármore e forcei meu torso para baixo, tentando me concentrar em não pirar naquele instante. Nunca pensei que doeria tanto vê-lo novamente depois de ter anunciado meu casamento. Aquilo me matava por dentro, porque de todos os homens, ele era o único que de fato queria que estivesse me esperando no altar.

Fechei os olhos com força tentando espantar as lembranças de quando o vi com ela, Rebeca, sua namorada há cerca de dois anos. Soube dela através de minha mãe, que tentou ao máximo esconder a verdade de que Damien seguiu em frente. De certa forma, num primeiro momento, senti-me aliviada, porque ele estava feliz. Mas a cada foto que vi dos dois em sites de fofoca, minha boca secava, a cabeça doía e tudo piorava ainda mais.

Olhei para a banheira já cheia, e desliguei a torneira. Testei a água com as mãos e joguei alguns sais de banho. Entrei na mesma, com as lembranças ainda me rondando. Naquele instante, lembrei de cada momento em meu apartamento ao lado dele, de como tudo aconteceu de forma espontânea. Das poucas vezes que fui até Londres para ficar com ele. De como foi mágico, pois quando percebia, já estávamos nos beijando, sem nos importamos com o amanhã.

Afundi na água, e fiquei ali por alguns segundos, sentindo meu corpo sendo embalado. A água morna tinha certo poder de me relaxar, como se tudo estivesse bem ali, como se nada estivesse me quebrando. Minhas mãos seguravam a borda, e assim que me faltou ar, emergi, puxando o ar com força para meus pulmões.

Escorei a cabeça contra a borda direita, e os pés a frente. O que queria de fato não era tomar banho, mas sim, um momento para repensar pela milésima vez cada um dos passos que me levaram para longe de Damien. Seu olhar ainda me instigava, como se ele quisesse me dizer mais... Como se fossemos muito mais. Uma música veio em minha mente, lembrando-me do momento que extravasei toda a dor no passado. Eu precisava novamente da música para me salvar. Sem conseguir pensar ali, saí de dentro da água, e puxei o roupão branco pendurado a minha frente.

Sequei em meio ao desespero meus cabelos de algum jeito, sem me importar com a definição dos cachos. Olhei novamente para meu reflexo, e sorri debochada. Sequer me reconhecia. Quem me visse sem as camadas de maquiagem, notaria o que tanto escondi que até meu físico já fazia questão de mostrar. As olheiras aparentes, assim como o inchaço no rosto de dias que passei apenas dormindo, querendo esquecer minha realidade. Tinha voltado ao mesmo buraco que lutei tanto para sair, infelizmente. Não era fácil, pouco controlável. Apenas o gatilho certo, e eu me encontrava diante de meus

confrontos mais internos.

Com os cabelos mais secos, coloquei a toalha ao redor do pescoço, e saí dali, em direção as escadas. Ao chegar a sala, olhei com devoção o piano localizado no canto esquerdo, que preenchia o local junto a vários outros instrumentos. Luke tinha se dedicado muito, teve toda paciência do mundo e me ensinou cada um.

Passei a mão sobre as teclas expostas, e uma lágrima desceu, fazendo-me embarcar naquele momento. A música tinha sido minha melhor amiga por tanto tempo que não tinha noção de como viver em completo silêncio. Omissão cobra caro quando feita a pessoas que amamos.

Sentei-me de frente ao piano e meus dedos agiram automaticamente, testando a melodia. Como sempre, aquela sensação de paz me invadiu assim que comecei a tocar, e como já era de praxe, deixei meu coração falar por si só. Esqueci-me da música que me lembrou da dor, e os olhos verdes de Damien eram a única coisa presente em minha mente. Comecei a tocar a música que fez parte do momento mais lindo de minha vida, da primeira vez em que fiz amor com Damien.

*"I wear your winter coat
(Eu uso o seu casaco de inverno)
The one you love to wear
(O único que você ama usar)
So I can feel in close
(Então eu posso me sentir perto)
To what's beyond compare
(Do que é incomparável)
The moments waking up
(Os momentos acordados)
You catch me in your eyes
(E você me segura em seus olhos)
That beauty on my pillow
(Essa beleza no meu travesseiro)
They'd host me in the night
(Me hospeda no meio da noite)
And I will find my strength to untape my mouth
(E eu vou encontrar a força que controla minha boca)
When I used to be afraid of the words
(Quando eu costumava ter medo das palavras)
But with you I've learned just to let it out
(Mas com você eu aprendi apenas deixar ir)
Now my heart is ready to burst
(E agora meu coração está pronto para explodir)

'Cause I, I feel like I'm ready for love
(Porque eu, eu sinto que estou pronta para o amor)
And I wanna be your everything and more
(E eu quero ser seu tudo e mais)
And I know every day you say it*

(E eu sei que todos os dias você diz)
But I just want you to be sure
(Mas eu só quero que você não se esqueça)
That I'm yours
(Que eu sou sua)

If I've been feeling heavy
(Estou me sentindo pesada)
You take me from the dark
(Você me tira da escuridão)
Your arms, they keep me steady
(Seus braços me mantêm firme)
So nothing could falling apart
(Então nada poderia se despedaçar)

And I will find my strength to untape my mouth
(E eu vou encontrar a força que controla minha boca)
When I used to be afraid of the words
(Quando eu costumava ter medo das palavras)
But with you I've learned just to let it out
(Mas com você eu aprendi apenas deixar ir)
Now my heart is ready to burst
(E agora meu coração está pronto para explodir)

'Cause I, I feel like I'm ready for love
(Porque eu, eu sinto que estou pronta para o amor)
And I wanna be your everything and more
(E eu quero ser seu tudo e mais)
And I know every day you say it
(E eu sei que todos os dias você diz)
But I just want you to be sure
(Mas eu só quero que você não se esqueça)
That I'm yours
(Que eu sou sua)”^[8]

Minha voz se calou e meus dedos se afundaram nas teclas, onde desabei por completo. Cada pequeno detalhe daquele momento me atingiu por inteira. Eu não tinha forças, não sabia como seguir em frente, mas também não podia interferir em sua vida novamente. Nossa história teve idas e vindas suficientes, ele merecia mais que uma mulher incerta do que dizer ou fazer. E ele já tinha aquilo.

Ouvi batidas na porta da frente, e senti-me um caco. Quem fosse, me veria completamente acabada. Por um lado, tinha certeza de não ser Damien, ele nunca batia, e não seria a primeira vez. Limpei como pude as lágrimas, e fiz um coque com os cabelos, tentando simular que estava apenas dormindo. Apertei o laço de meu roupão, e caminhei sem vontade até a porta.

Assim que abri, o sorriso que reconheci a minha frente sumiu assim que encontrou meus olhos. Joshua me conhecia bem e ele sabia... Eu estava acabada. Ele deu um passo à frente, entrando na casa.

— Ei, eu liguei mas...

— Não consigo mais, Josh! — fui sincera, e ele abriu os braços, como sempre, pronto para me receber. — Ele veio aqui... — um soluço alto saiu de minha garganta. — Não sei...

Não consegui dizer mais nada, apenas me joguei sobre os braços de meu noivo, que na realidade era meu melhor amigo e que sabia de cada pequeno detalhe do que se passava em meu coração. Josh me pegou nos braços, acalentou-me, como sempre, tentando me mostrar que de alguma forma, eu ainda era forte.

Porém, eu não me sentia daquela forma, pois tudo o que restara de mim, era quebrado.

Capítulo 6

“Poucos sabem, mais a palavra “amor” é derivada da palavra “morte”. Quando você diz a uma pessoa “eu te amo”, é como dizer: eu morreria por você.”^[9]

Quatro anos antes...

Damien

Eu estava nervoso.

Por Deus, estava tremendo!

Respirei fundo e andei de um lado para o outro no ridículo espaço do elevador. Escorei-me contra a parede de aço e arregacei a gravata que estava bem colocada em meu pescoço. Sair de uma reunião importante, pegar um voo longo e depois vir direto até Mary, não tinha sido uma ideia muito inteligente. Usava as roupas sociais que pareciam me sufocar, que não combinava em nada com o que queria ao poder revê-la com mais tempo, depois dos três anos que se passaram.

A encontrei, esporadicamente, mas nossos caminhos na maioria do tempo se desencontravam, ou estávamos ao redor de nossas famílias. Naquele dia, nem meus pais sabiam de minha chegada. Tinha programado há meses poder voltar mais cedo para casa após um longo período cansativo da faculdade de administração. A especialização logo começaria e eu me esgotaria de vez. Tudo o que queria era os braços de Mary.

O elevador parou, e arranquei a gravata de vez, colocando-a dentro do bolso da calça. Meu paletó estava sobre a mala, e aproveitei um instante para arregaçar as mangas compridas da camisa social até meus cotovelos. Ao menos, aquilo diminuiria o calor que sentia.

Toquei a campainha e esperei. Impaciente e ansioso, porque mesmo estando longe, vivendo um sonho, o mais importante continuava em Montpelier. A porta se abriu, e desci meu olhar para ela, que parecia ainda menor do que a última vez. Mas os olhos que eu tanto esperei rever, estavam ali, castanhos escuros analisando-me com um sorriso enorme no rosto.

— Ei!

Sem que precisasse dizer mais alguma coisa, ela me puxou para dentro. Deixei a mala de lado, olhando ao redor da sala ainda vazia. Quando meu olhar encontrou o dela, a conexão de sempre estava presente, o que me fazia querer tê-la ainda mais perto. Uma música tocava alto, e tinha certeza que era algo de seu celular. Pois se tinha alguém que amava música, essa pessoa era Mary. Podia dizer com certeza, já que convivi com músicos a vida toda.

Abri a boca para dizer algo, mas Mary foi mais rápida, pulando em cima de mim, fazendo-me pegá-la de relance. Gargalhei junto a ela de sua saudade, mas estar com ela em meus braços era como viver um sonho. Inspirei seu cheiro com vontade, acariciando de leve suas costas, sentindo-me em meu verdadeiro lar.

Ela não sabia... Mas eu não tinha desistido de nós.

O riso cessou aos poucos, e ela saiu de meus braços, tocando meu rosto com carinho.

— Deus, a cada vez que te vejo está uns dez centímetros mais alto. — passou a mão de leve por meu cabelo, precisando ficar na ponta do pé. — Isso não é justo, Dam!

Sorri, pois era impossível fazer outra coisa perto dela. Toquei seu rosto, e a vi se retrair um pouco, como se não esperasse o gesto. O incomodo dela era aparente, mas ainda não conseguia entender

se para um lado bom ou ruim.

— Então é aqui que tenho que vir para te ver a partir de agora? — indaguei.

Ela deu um pulo, girando ao redor da sala, como se vivesse seu sonho. Eu sabia, e vi sua luta por todos aqueles anos. Nos tornamos confidentes um do outro, ela sabia tudo de mim, assim como sabia cada detalhe de sua vida. Não era forçado, era como um pacto nosso, sem ao menos ser preciso selar. Éramos algo que nem sabia explicar. Mas eu queria mais... Sempre quis.

— O que achou? — perguntou animada, e olhei ao redor.

Andei até a cozinha e vi que também faltava praticamente tudo. Mary me puxou pela mão e levou-me até os dois quartos, mostrando com a animação cada cômodo vazio, assim como o banheiro.

— É ideal pra você, carinho. — falei, e ela franziu o cenho. — Não precisa de muito espaço, afinal.

— Bobo. — bateu em meu braço, sentando-se sobre o tapete no meio do quarto, que ela me contou que seria o seu. — Mal vejo a hora de decorar, comprar o que falta... Vai ser incrível!

Nunca tinha a visto tão animada diante de algo.

— Tenho certeza que vai passar horas nas lojas procurando o melhor produto pelo melhor preço. — ela assentiu, batendo palmas. — Mas por que comprou um apartamento sem estar mobiliado?

— Gostei daqui. — foi sincera. — É fora da casa de Luke, mas não longe. O prédio é bem localizado, tem boa segurança...

Ela começou a detalhar tudo, e fiquei perdido, olhando o movimento de seus lábios. A cada vez que ela mordia o lábio inferior, sentia meu corpo reagir, querendo toma-la em meus braços, e substituir seus dentes pelos meus.

— Ei! Dam!

— Sim... — respondi no automático, ainda completamente fascinado diante daquela mulher.

— Sério? — assenti, piscando algumas vezes, tentando não focar em seus lábios. — Então podemos ir depois do fim de semana.

Franzi o cenho, e passei as mãos pelos cabelos, sem conseguir entender nada. Pelo jeito que ela disse tínhamos marcado algo. O qual, eu sequer tinha ideia. Passei a mão pelo rosto, tentando evitar o cansaço da viagem me abater, enquanto focava em apenas não parecer um idiota diante dela.

Quando voltei meu olhar para Mary, notei algo diferente em seu semblante. Ela me analisava como se em buscar de algo. Eu estava encostado na parede do quarto, a sua frente, enquanto seu olhar não fugia do meu.

— O que foi? — perguntei curioso. — Quando uma mulher fica em silencio, algo está errado.

— Vem cá! — bateu no tapete, indicando claramente para que me sentasse.

Tirei os sapatos sociais, e assim que meus pés mesmo com meias encontraram o tapete macio, suspirei aliviado. Sentei-me a sua frente sem pressa, ainda curtindo cada segundo ao seu lado. Não consegui perguntar nada, pois assim que a encarei, tive receio do que vi estampado em sua face.

Eu conhecia Mary... Mas temia estar me enganando mais uma vez.

— Mary.

— Damien. — sorriu, ficando sobre seus joelhos, aproximando-se aos poucos de mim.

Ela tocou meu rosto com cuidado, traçando uma linha imaginária sobre meus lábios. Apenas assisti a cena completamente embasbacado, sem saber como agir, e com medo de arriscar alto demais. Mas naquele momento, ela quem parecia preparada para tudo. Sem que esperasse, Mary sentou-se sobre meu colo, fazendo meu corpo reagir de forma que meus braços seguraram com força sua cintura, nos conectando ainda mais. As mãos dela foram para meus cabelos, onde pareceu experimentar a sensação de

me ter tão perto.

Tirei a chuva de cachos que caíram sobre seu rosto, podendo assim vê-la com perfeição. Não existiam palavras para descrever o que senti, e muito menos para interpretar cada passo dado por ela. No segundo seguinte, seus lábios estavam nos meus, e diferente da primeira vez, havia muito mais... Paixão explodiu entre nós. Minha língua tocou a sua, e aquilo fez meu corpo todo entrar em colapso. Sem pensar duas vezes, levantei-me com ela em meus braços, fazendo-a cruzar as pernas em minhas costas. Encostei-a contra a parede, enquanto nos beijávamos. Era o céu e inferno a cada toque dela em meu corpo, a forma como estávamos sincronizados.

Nos afastamos por falta de ar, e a encarei com todo desejo que sentia. Não era mais um garoto apaixonado. Era a *porra* do homem certo para ela, bastava ela querer. Éramos adultos e desimpedidos, e nada importava, apenas nós.

Ela sorriu lindamente fazendo-me sentir realmente a *porra* do homem certo. Nos meus braços ela parecia à vontade, e sem pensar duas vezes, a beijei novamente. Encontrando finalmente a razão de termos estado longe por tanto tempo, pois nada no mundo pagaria o momento de tê-la finalmente entregue.

Capítulo 7

“Mas eu insisto em nós e vim aqui te pedir cuidado. Não me deixa ir embora.”^[10]

No presente

Damien

— Mais uma dose?

Neguei com a cabeça, tirando a mão do copo. Tirei umas notas do bolso da calça e coloquei sobre o balcão. Saí do bar sem olhar para trás.

Queria ficar ali apenas para me sentir miserável e imune a toda porcaria que rondava minha mente. O problema consistia por saber que nenhuma dose de uísque do mundo seria capaz de me fazer parar de pensar nela. Mesmo quando estava completamente bêbado, tinha relatos de amigos, de que era em Mary que falava, sobre ela que contava... sobre um “nós” no passado que se foi.

Tinha aceito minha função de capacho, de todas as bordoadas que ela me deu ao longo dos nossos encontros terminados em desencontros. Porque ali estava eu, após alguns minutos andando pelas ruas, de volta ao lugar onde morei desde que me entendo por gente, onde meus pais residiam, apenas porque Lizzy, a que viu todo desenrolar frustrante de nossa história, insistiu milhares de vezes para que tentasse, ao menos uma última vez. Se Mary dissesse “sim” no altar, estaria acabado.

Mas a quem queria enganar? Eu não conseguia desistir daquela mulher, por mais proibida que ela fosse tendo uma aliança dourada no dedo anelar esquerdo. Porque na minha mente, o único momento que ela o teria, seria o mesmo que o meu. Não sabia, e não queria aceitar que a mulher que amava pertencia a outro.

Por isso fui até ela, tendo a certeza de que estaria ali, já que vi o carro de seus parando a frente da casa e a ela descendo. Tinha me tornado um verdadeiro desesperado, já que a coragem de ligar era inexistente. Era um homem de vinte e cinco anos, com uma carreira sólida e nome reconhecidos, mas que se tornava um simples garoto a frente dela, com medo da rejeição.

Era insano a forma que ainda me sentia perto dela...

Era como se fôssemos feitos para durar...

Como poderia apenas eu sentir aquilo?

Existia mais entre nós... Sempre existiu. Andei algum tempo pelo condomínio, divagando, para logo voltar em direção ao único lugar onde poderia confrontá-la e quem sabe, tirar toda aquela dor do peito. Podia ser mais uma decepção, mas eu precisava, de alguma forma, extravasar a dor que senti nos três anos que fui evitado, deixado e considerado ninguém em sua vida.

Meu celular tocou e o peguei rapidamente. A esperança de que fosse ela era grande, como sempre. Mas ao ver a foto de Rebeca na tela, toda aquela euforia se foi.

— Oi, Beck!

— *Eu sabia que precisava te ligar. — suspirei fundo, sem vontade de ter aquela conversa. — Carl acabou me contando o que pretende fazer.*

— Como assim? — indaguei sem entender.

— *Que foi a Montpelier, impedir o casamento de Mary. — respirei resignado.*

Para que servia um melhor amigo se ele não fechava a boca?

— Beck, eu...

— *Tá tudo bem, sério. — engoli em seco, sentindo-me um completo idiota. — Eu sempre soube o fim disso, desde o momento em que nos beijamos pela primeira vez.*

— Eu sei que pareço um canalha, mas... Não posso mentir pra você.

— *Não pode mais é se enganar, Dam. — passei as mãos pelos cabelos, sentindo-me sufocado. — Você sabe que pode namorar com quem quiser nesse mundo, até mesmo passar o resto da vida com essa pessoa... Mas se não resolver isso com Mary, será sempre uma metade pra alguém.*

Era naquele momento que os papéis se invertiam, e me tornava o canalha da história. Conheci Rebeca na primeira semana da universidade, com consequência de falar com Carl, já que ambos eram amigos de muitos anos. Com o tempo, nossa amizade foi aumentando, e nos tornamos muito próximos, até que depois de perder Mary, ela foi uma das poucas pessoas a saber cada detalhe da história. Não tinha a visto com outros olhos, em momento algum, até um dia que percebi que ela me fazia rir.

Em minha mente, era o ponto de partida para tentar algo. Mas, com cautela fui sincero com ela... Porque no fundo, eu sabia, que não conseguiria amá-la por completo. Foram dois anos de namoro, onde pensei que as coisas se encaminhariam, mesmo que ainda pensasse em Mary. Porém, ao saber do tal casamento através de Lizzy, a vontade de pegar o primeiro voo de Londres para casa, fez com que mais uma vez a vida me desse um tapa na cara. Eu ainda amava Mary.

O que fiz foi tomar uma atitude e terminar com Beck, por saber que mesmo depois de um relacionamento tão bom entre nós, ainda faltava algo. Faltava amor. Nos olhos dela, eu vi a minha dor, porque de certa forma, eu a deixava. Mas não consegui contar sobre Mary, que era o casamento o motivo. Pois não queria feri-la mais do que o já tinha feito.

— Obrigado por tudo, Beck. — fui sincero, parando a frente da casa dos meus pais. — Se eu pudesse escolher, juro que...

— *Seria ela, Damien. — ouvi sua risada, e fiquei completamente perdido. — Ela sempre será sua escolha.*

— Eu sinto muito.

— *Eu também, mas... Há uma razão pra tudo. Busque a sua, Dam!*

— Pretendo fazer isso. — falei sem jeito.

— *Mas não foi por isso que liguei.*

— Não? — perguntei incerto.

— *É que estou em Nova Iorque com Carl, bom, algumas coisas aconteceram e... Eu só precisava falar com você. — estranhei seu tom de voz, já que Beck nunca tinha sido enigmática comigo. — Algum problema se passarmos em alguns dias? Não quero te atrapalhar com Mary e...*

— Não vai, Beck. — respondi de imediato. — Me mande mensagem quando estiverem aqui.

— *Ok. Até logo, Dam!*

Ela então desligou, sem me dar a chance de dizer “tchau”. Levei as mãos à cabeça, transtornado com aquela situação. Era um canalha, idiota, covarde... Por amar quem não se importava, e pior, magoar quem me queria.

Olhei de relance para a casa ao lado da minha, e respirei fundo. Eu precisava falar com Mary, desabafar cada porcaria de momento que vivi pensando mil e uma maneiras de reconquistá-la e finalmente entender o porquê de ter me deixado. A passos rápidos fui até a casa de Luke, abri a porta com cautela, e entrei na casa, que no momento tinha todas as luzes apagadas.

— Mary! — chamei quase num grito, mas não obtive resposta.

Subi as escadas até onde antigamente era seu quarto, e com certeza ela estaria. Assim que abri a

porta, percebi a bagunça que o cômodo se encontrava, com roupas caídas no chão, papéis jogados e tudo mais que era possível. Me senti completamente perdido ao imaginar como tudo ficou daquela forma, já que Mary era uma pessoa extremamente organizada.

Não resisti, e peguei uma blusa sua, caída sobre a cama, e inspirei o cheiro que tanto tinha saudade. A lembrança de cada momento com ela me bateu, como mais um alerta: *Pare de ser um tolo!* Porém, eu não me importava, pois ao menos, uma última vez, eu tentaria.

Coloquei a blusa de volta ao lugar jogado e assustei ao ver um envelope de cor amarelada ao lado, no mesmo tom que o deixado para mim há tantos anos. Não resisti, e peguei o envelope em mãos, engolindo em seco. Parecia que estava preso novamente naquela mesma cena do passado, e toda dor me atingiu. Quando olhei o verso do envelope, arregalei os olhos ao ler o remetente: *Para ele.*

O que seria aquilo? Seus votos, talvez?

Mágoa e dor tomaram conta do meu peito. Se fossem para o tal Joshua, então ela o tinha conhecido há muitos anos, até mesmo na época que ficamos juntos, e o desconfiava apenas pela cor do envelope. Encarei o papel com deboche, lembrando de como já fui destruído por ela. Se Mary me destruiu antes, o que poderia acontecer se destruísse apenas algumas folhas de papel? Se fossem seus votos, com toda certeza, ela escreveria novamente.

Dane-se!

Abri o envelope sem cuidado algum, e tirei a carta de dentro. Nenhuma aposta do mundo ganharia a respeito do que aquela carta guardava. De todas as coisas que poderia esperar, apenas as primeiras duas palavras fizeram minha cabeça dar um verdadeiro nó, meu coração acelerar e minha boca ficar seca.

“Querido Damien...”

Capítulo 8

“Ama-se pelo cheiro, pelo mistério, pela paz que o outro lhe dá, ou pelo tormento que provoca. Ama-se pelo tom de voz, pela maneira que os olhos piscam, pela fragilidade que se revela quando menos se espera.”^[11]

Quatro anos antes...

Mary

— Como conseguiu enganar a todos nós, entrar num avião e aparecer de repente em casa? — Gabe perguntou em direção ao filho, que ainda era abraçado por Pen. Ele estava impassível como sempre, mas a felicidade era nítida em seus olhos.

— Deixa o menino, Gabe. — Jess ralhou, indo até o filho e puxando-o novamente para um abraço. — Aliás, por que a demora a vir nos ver? — provocou, encarando-me de relance.

Por Deus, a vergonha me atingiu em cheio!

Fiz-me de desentendida, fingindo estar prestando atenção no documentário que passava na tv. Eu era de casa, nunca estranharam minha presença ali, além de ter uma forte ligação com Damien e Penelope, Jess e Gabe sempre cuidaram de mim com muito carinho, mesmo assim, era impossível não sentir o clima diferente no ar. Jess com certeza já tinha percebido a forma como Dam e eu estávamos mais leves, e Gabe como bom observador já o tinha feito, ao menos, ele fingia não saber de nada, já Jess...

— Digamos que tenho prioridades. — Dam provocou a mãe, que puxou sua orelha com força, fazendo todos na sala explodirem em uma gargalhada.

Ao menos sua provocação nos tirou de foco.

Gabe que já tinha abraçado o filho, e se sentou na poltrona do canto esquerdo, porém, com a atenção ainda na cena a nossa frente. Pen pulou sobre o irmão novamente, e era impossível não sorrir.

— Seu irmão precisa respirar, coração. — Gabe interviu.

A contragosto Pen se afastou dele, e quase no mesmo instante a porta da frente se abriu, e uma Lizzy completamente descabelada e de pijama, voou sobre Damien, fazendo com que ambos caíssem no chão. Gargalhei alto, e nem mesmo Gabe conseguiu disfarçar a graça daquele momento.

— Como é possível, uma jovem de dezoito anos derrubar o melhor amigo feito um rinoceronte? — virei meu olhar em direção a porta, e George sorria cinicamente em nossa direção, seus irmãos mais novos vinham no encalço, Chiara de doze anos e Luca, que tinha apenas dez.

— Reunião da família e eu não fui convidada? — Jess fez drama, sentando-se no colo de Gabe, que sorriu da mesma. — Você nunca me apoia, Gabe.

— Não quando faz drama como Luke!

— *Ahá!* Eu sabia que ele falava mal de mim! — meu irmão entrou na sala, fingindo um olhar ameaçador, enquanto Nora revirou os olhos. — Talvez, alguém precise de uma lição!

— O que eu penso sobre você, falo na sua cara, Luke! — mordi o lábio para não rir da expressão abismada no rosto de meu irmão. — Posso dizer agora mesmo! — Gabe Harris era imbatível quando queria.

— Será que os velhos podem parar de brigar e por favor, tirar esse rinoceronte de cima de mim? — Damien gritou, e ouvi o os tapas de Lizzy sobre seu peito, enquanto George a tirava a todo custo de cima dele. Eles eram uma verdadeira comédia ambulante.

Damien finalmente se levantou e abraçou a todos os outros, que logo se acomodaram por toda ampla sala.

— Onde estão Valerie e Tim? — Dam perguntou, sentando-se ao meu lado, deixando-me ainda mais sem graça.

— Em Malibu, tirando férias dos filhos. — George tomou a dianteira, com um sorriso debochado no rosto.

— Que horror, George! — Nora falou com espanto.

— Brincadeira, tia Nora! — eu achava fofo demais a forma como eles se tratavam, Damien era o único que não os chamava assim, porém, era mais pela falta de costume. O restante, mesmo que não fosse pelo sangue, tinham se tornado primos de coração. — Disse a eles que ficaria com os gêmeos alguns dias aqui em Montpelier, enquanto eles resolvem problemas da empresa da mamãe.

— Algo sério? — Gabe entreviu.

— Não que eu saiba... Mas ao menos eles terão uns dias mais calmos para resolver.

— Selenia está na mesma, enlouquecendo ao organizar tudo para a nova turnê mundial que começa em alguns meses. Nick tem se virado em mil para deixa-la calma e cuidar dos gêmeos ao mesmo tempo. — Luke contou, e encarei-o com curiosidade.

— Quando eles virão pra cá? — perguntei.

— Acho que na próxima semana. Por que, maninha?

— Bom, eu posso ajuda-los com as crianças. Eu adoro os pequenos. — me ofereci, e Luke digitou algo em seu celular.

— Mande mensagem para eles, qualquer coisa te falo. — piscou e eu assenti.

— Bem, como quase todos estão aqui, por que não fazemos um jantar especial? — Jess ofereceu, e todos concordaram animados.

Como sempre, tudo entre nós, terminava em festa.

Senti a mão de Damien sobre a minha, e encontrei seus olhos verdes onde pude ver sua alma. Um arrepio correu por todo meu corpo, lembrando o beijo que demos mais cedo. Não sabia explicar por que, como ou quando, mas tê-lo nunca foi tão certo do que naquele momento.

Uma semana depois...

— Não sei por que ainda te pedi para me ajudar! — falei em tom de brincadeira, tentando sem sucesso tirar a tinta branca do piso.

Damien tinha um bom tempo de férias, e felizmente, estávamos passando muito dele juntos. Mesmo durante os dois anos conversando através do celular, e as vezes que nos encontramos em suas vindas para casa, nada se comparava a tê-lo por perto. Sua presença transformava o dia cinza em meu favorito, apenas por poder vê-lo.

— Me deve um piso novo! — deixei o pano sujo de lado, e me levantei, enquanto Damien se mantinha na função de pintar as paredes da minha sala. — De quem mesmo foi a ideia de fazermos isso? — zombei de mim mesma, ficando ao seu lado.

— Foi sua. — falou com um sorriso cafajuste no rosto. — E se ficar horrível, vai ter que chamar um profissional.

— Nem pensar. — levei as mãos aos cabelos presos num coque bagunçado. — Vai ficar bonito, sei que vai.

Ele parou com o rolo, e me encarou, um sorriso preso em seus lábios.

— Dizem que se repetir uma coisa várias vezes ela se torna real. — zombou, e bufei, revirando os olhos. — É sério, carinho.

— Nem vem com “carinho”, Dam. — fingi estar brava.

Ele me encarou um pouco sem jeito e logo voltou a pintar, sem questionar minha fala. Eu adorava provoca-lo, mas naquele instante, percebi que tinha ultrapassado uma linha, e até mesmo, o magoadado.

— Dam.

— O que? — perguntou baixo.

— Tudo bem? — aproximei-me ainda mais, tocando seu braço.

Seu olhar encontrou o meu, e antes que eu pudesse perceber onde tinha me enfiado, ele colocou o rolo no lugar, e puxou-me pela cintura. Ele me beijou com fome, da mesma forma que vinha fazendo nos últimos dias. Não conversávamos a respeito, mas implicitamente, sabíamos que existia algo “mais” ali.

Subi minhas mãos por seu torso, reconhecendo novamente cada parte dos seus braços fortes e sentindo-me anestesiada com seu beijo. Aquele homem era minha verdadeira perdição.

Ele se afastou aos poucos, dando leve selinhos, e por fim, sorrindo.

— Isso responde sua pergunta, implicante? — encarei-o em desaforo, e olhei para sua camisa preta, e logo para a tinta branca.

Feito uma adolescente com um plano mirabolante, peguei o pincel ao lado do rolo, e fingi que iria pintar alguma coisa. Damien me observava, conseguia notar por canto de olho, porém, no instante em que ele se distraiu, peguei o pincel e passei com vontade sobre sua camisa, assim como por seus braços.

O olhar surpreso logo foi tomado por desafio, e arregalei os olhos, tentando fugir no mesmo instante para o banheiro.

— Não! — falei, colocando o pincel para o alto, como se para ameaça-lo. Pelo contrário, ele não se intimidou, e quando percebi estava entre ele e a parede ainda não pintada. — Dam, não...

— Misericórdia, já? — ele era um verdadeiro provocador.

— Nunca. — desafiei, e ele arqueou a sobrancelha, aproximando-se ainda mais. — Desiste?

Continuei com o pincel a frente, e ele rapidamente pegou minha mão, apertando no lugar certo, fazendo meus dedos se abrirem. *Maldito homem esperto!*

— Que foi, carinho? — provocou, com o pincel em mãos, e me prendendo contra a parede. — Se rende?

— Nunca! — falei com determinação, e tentei fugir por baixo de seus braços. *Plano horrível!*

Logo senti seus braços ao meu redor e o pincel sendo passado por minha regata azul e shorts jeans, e logo tinta em meus braços e pernas. Damien era vingativo demais!

— Dam! — gritei, quando me derrubou no chão, gargalhando, e com o pincel ainda em mãos.

— Se rende? — nossos lábios estavam quase se tocando, e não conseguia pensar em mais nada que não fosse beijá-lo.

— Já sabe a resposta. — lhe dei um leve selinho, e ele bufou, se levantando.

— Ok. — sorriu, e me estendeu a mão.

Levantei-me com sua ajuda, e ele me encarou com carinho.

— Momentos assim apenas me mostram o quanto podemos ser felizes juntos. — sua sinceridade me acertou em cheio.

Abri a boca para dizer algo, mas logo senti dois dedos seus sobre a mesma.

— Apenas pensa... *Em nós*. — assenti, e ele beijou minha testa. — Acho que mereço um banho.

Sorri, e fui em direção as sacolas de compras, pegando toalhas limpas e entregando a ele. Seu

olhar não deixou o meu, e era palpável, a forma como me olhava, com o amor certo e o desejo refletidos. Ele me pedia, mesmo que silenciosamente que desse o primeiro passo, pois de alguma forma, ainda estávamos presos a beijos sem saber do futuro. Mas eu o queria, ele me queria. Assim, peguei sua mão e o puxei até o banheiro.

Nossas roupas foram sendo retiradas uma a uma, e a cada parte exposta de sua pele, um suspiro escapava de meus lábios. Uma música tocava de fundo, pois tinha colocado uma playlist para tocar enquanto pintávamos. Só não imaginei que aquela playlist romântica em algum momento combinaria com o momento, porém, naquele sim, fez todo sentido.

Afastei-me dele apenas para abrir a ducha e deixar a água morna cair. Entrei debaixo da mesma, e não foi preciso pedir, em menos de um segundo, senti seu corpo atrás do meu, seus braços enlaçando minha cintura, e arfei... Era a primeira vez que tínhamos um contato tão próximo, e já estava queimando por ele.

Virei-me em sua direção, e com cuidado limpei cada pequeno resquício de tinta, assim como suspirei por cada pedaço de seu corpo. Ele fez o mesmo, deixando-me ainda mais ansiosa para tê-lo, em cada pequeno movimento que seus dedos faziam sobre minha pele. O silêncio só não era completo por conta da música, porém, naquele instante, palavras não eram necessárias.

Assim que fechei a ducha, ainda com o corpo molhado, aproximei-me ainda mais dele, ficando na ponta dos pés. Ele entendeu meu passo, e no mesmo instante, beijou-me com todo seu desejo e luxúria. Senti-me entregue naquele instante, e seria dele ali mesmo. Porém, Damien parecia ter outros planos.

Ele se afastou, e pegou uma toalha, secando-se rapidamente, e logo fez o mesmo comigo. Saiu do banheiro e seguiu em seu encalço até meu quarto, que ainda tinha apenas o grande tapete. Ele parou de repente, e pensei em perguntar o porquê de algo, ou ao menos tentar entender seu afastamento, porém, ele se virou de repente, tocou meu rosto com carinho e puxou-me para um leve beijo. Seu toque era quente, gostoso, diferente... Sempre tentei barrar meus sentimentos por ele, por medo de estar sendo levada pelo momento. Mas era claro em seus olhos, ele me amava. E eu... tinha realmente me apaixonado por completo nesse tempo separados e que nos conhecemos ainda mais. Se dissesse que correspondia da mesma forma antes, quando ele se declarou pela primeira vez, não seria verdade. Meu amor por ele sempre esteve ali, resguardado, mas ainda assim, nunca foi tão forte quanto naquele momento. Meu coração transbordava como o dele.

Nos afastamos e foi impossível não sorrir ao encará-lo.

— O que está pensando? — resolvi arriscar.

— Não vai querer saber. — antes que eu pudesse perguntar novamente, a sua mão esquerda tocou com força minha cintura, fazendo todo meu corpo implorar por mais do seu toque. — Não faz ideia de como sonhei com isso.

— Sabia que é o homem mais quente que já conheci? — provoqueei, querendo levá-lo ao limite.

Não soube em que momento aconteceu, mas toda a tensão entre nossos corpos se tornou palpável. Um desejo que ambos carregávamos a muito tempo, e tudo o que consegui pensar, era em nós, completamente entregues.

Os olhos de Damien ficaram escuros e o aperto em minha cintura aumentou, o que me fez arfar. De repente o ar condicionado não parecia suficiente para nós.

— Você me deixa louco. — falou num tom rouco, que fez toda minha mente virar uma completa bagunça. — Quer mesmo saber o que estou pensando?

— Diz. — pedi, colocando ainda mais nossos corpos, sentindo o quão pronto ele já estava. Ele gemeu rouco, fazendo meu centro se apertar, e reprimi um gemido. — Diz. — insisti, mordendo de leve seu queixo.

— Acho que prefiro fazer. — dito isso, segurou firmemente em meus cabelos e beijou-me com fome, enquanto uma mão apertou com força minha bunda. A cada gemido alto que soltava, ele parecia enlouquecer, engolindo cada um deles. Damien era minha completa perdição.

Não sei dizer como, mas as toalhas foram para o chão em questão de segundos e nada mais se encontrava entre nós. Pele com pele. Fui colocada contra a parede no instante seguinte, e suspirei, deixando-o fazer o que quisesse comigo.

— Sabe o quanto sonhei com isso nos últimos anos? — gemi, assim que mordeu o lóbulo da minha orelha. — Todo o dia, Mary... Todo o dia desejando esse corpo feito para me enlouquecer.

— Dam...

— O que? — perguntou rouco, afastando-se um pouco.

Surpreendendo-me, ele me pegou no colo e me colocou sobre o tapete do quarto com todo cuidado. Beijou-me novamente com fome, enquanto suas mãos conheciam cada pequeno pedaço do meu corpo.

Eu já tinha ficado com homens bonitos antes, mas ele... Damien era muito além da beleza em sua plena definição. Assisti com devoção a forma como ele também me encarava, por um segundo, perdidos no olhar. Os cabelos negros um pouco compridos estavam uma completa bagunça dando-lhe um ar selvagem; os olhos verdes refletiam a luxúria mais carnal, porém seu amor gritava assim como o meu; a boca entreaberta que alternava entre um sorriso cafaeste e doce.. O corpo atlético, todo definido e com as proporções perfeitamente distribuídas. Mas além daquilo, era ele... o homem que eu amava, a minha frente. Pela primeira vez, me entregaria a alguém além da atração em si. O que iríamos fazer era o tal “amor”, que tanto li em livros. Eu tinha a certeza que seria apenas com ele.

— Dam. — chamei, quando o vi um pouco distante, e o mesmo se abaixou sobre mim, tocando com carinho meu rosto. — O que foi?

Ele não disse nada, e então notei que o braço pelo qual se apoiava no tapete, e a mão em meu rosto, estavam tremendo. Abri a boca para dizer algo, mas a insegurança que encontrei em seus olhos já me entregou a resposta. Porém, eu sequer conseguia acreditar. Como? Por que? Deus, ele era o homem mais lindo e sexy do mundo!

— Devo estar parecendo um idiota. — falou sem jeito, e toquei seu rosto, sentindo-me ainda mais quente por tê-lo nu sobre mim. — Eu sou virgem, Mary. Eu sempre quis que fosse com você, porque eu...

Então parou de falar e entendi, ele ainda tinha medo de que o magoasse. Talvez em cada momento quente juntos desde o carro, estivesse tão perdida no desejo que não notei que ele agia automaticamente, reconhecendo meu corpo.

— Eu quero que seja bom pra você, mas... — coloquei dois dedos sobre seus lábios, fazendo-o se calar.

— Já está sendo. — falei com sinceridade, e num impulso com meu corpo, consegui colocá-lo debaixo de mim. — Não sabe o quão possessiva me sinto ao saber disso, Dam.

— Quero que seja. — falou em meio a um gemido estrangulado, quando arranhei de leve cada pedacinho do seu abdome. — Quero que seja apenas possessiva comigo.

— Meu homem. — provoquei, dando um leve beijo em seu pescoço e logo encontrando seus lábios.

— Minha mulher. — sorri, assentindo, e subindo um pouco meu corpo, para encaixá-lo em mim. — Mary...

— Vai ser bom, pra nós dois. — assim, sentei-me sobre ele, e mordi com força o lábio inferior evitando um gemido alto, com medo de assustá-lo.

Damien fechou os olhos com força e sua boca abriu, um gemido rouco, saindo de seus lábios.

Fiquei parada por alguns instantes, e coloquei minhas mãos ao lado de seu rosto, esperando seus olhos. Mas sem ao menos abri-los, ele fez o primeiro movimento, e correspon-di, sincronizando-nos com perfeição.

— Porra! — falou alto, e suas mãos apertaram com força minha bunda, fazendo-me arfar.

Seus olhos se abriram, e a insegurança tinha voado para longe, pois ao ver a forma como me afetava, ele com certeza soube que nada poderia dar errado entre nós naquele instante.

— Isso é tão bom, porra! — sorri, em meio a um gemido alto, enquanto descia sobre ele.

— Nunca foi tão bom, Dam. — segurei em seu pescoço, beijando-o com paixão. — Isso é...

Não consegui completar a fala, sentindo pela primeira vez um prazer imensurável. Aquilo era paixão, atração, mas principalmente, amor.

— Eu sei! — respirou fundo, e acabou ousando, levantando-se um pouco do chão, fazendo com que nossos corpos se unissem ainda mais naquela posição. — Não sei nem dizer o que estou sentindo.

— Não precisa. — olhei em seus olhos, distribuindo mordidas por cada parte de seu pescoço. — Apenas me...

Eu não conseguia raciocinar.

— Te fodo? — fiquei ainda mais perto do orgasmo com suas palavras. Ele podia nunca ter feito sexo, mas com toda certeza já sabia me enlouquecer.

— Me foda ou ame, os dois, o que quiser! Só continua! — praticamente implorei, e foi a vez dele tomar a posição.

Uma de suas mãos que estavam em minha bunda, subiram até meu cabelo, puxando-os para trás, e sua boca desceu com força para meus seios, fazendo-me ficar ainda mais próxima da borda. Damien gemia rouco e baixo, e a forma como seu corpo se movimentava mostrava claramente que se segurava ao máximo. Ainda mais sendo a primeira vez dele, aquilo devia estar sendo sua maior dificuldade.

— Mary...

— Eu sei. — gemi mais alto, levando uma de suas mãos ao ponto certo do meu corpo para que pudesse chegar ainda mais rápido ao êxtase. — Só continua...

E ele continuou... Nossos corpos perdidos em um momento que sequer sabia descrever. A música ainda tocava de fundo, marcando ainda mais aquele momento como único. Ao chegar no ponto mais alto do prazer, ouvi a frase favorita daquela canção antiga, que me marcou junto ao homem que amava em meus braços, no momento em que vi sua expressão de puro prazer e caí exausta sobre seu corpo.

*“But I just want you to be sure
(Mas só quero que você tenha certeza)
That I'm yours
(Que sou sua).”*

Capítulo 9

“Quando penso no que poderia ser, no que poderia ter sido. Eu sei que não dá. Eu nem quero que dê. Não quero mais. Mas não sei o que fazer com esse nó.”^[12]

No presente

Mary

— Eu não sei mais como fazer isso, Josh. — falei com pesar, sentada na cama de hospital.

— Não pode se estressar a ponto de desmaiar, isso sim.

Ele estava sereno e certo como sempre. Joshua Collins era um amigo tão importante e próximo que conseguia me ler perfeitamente, mesmo assim, termos concordado com o casamento foi uma das piores decisões. Vi aquilo refletido em seu rosto.

— Quando me pediu pra morarmos aqui, pensei que odiaria a princípio. Mas hoje, olhando essa cidade, vejo o quanto valeu a pena. — falou, sentando-se na poltrona ao meu lado. — Julia amaria esse lugar.

Franzi o cenho, sem conseguir entender. Josh raramente falava sobre ela, mesmo após ter me contado cada detalhe de sua história. Eu via o quanto doía para ele, relembrar a memória dela.

— O que quero dizer é que te amo, Mary. — segurou uma de minhas mãos com carinho. — Mas não é o amor que ambos buscamos, e não sou e nem nunca serei o cara certo.

— Josh...

— Olha, pode ter feito sem querer. Mas ao escolher voltar a Montpelier após tudo apenas quando decidimos nos casar, apenas me diz uma coisa. Que ainda tinha esperanças de que ele fosse até você.

— Eu não... — passei as mãos pelo rosto, buscando uma resposta sensata. — Não sei o que pensei ao imaginar o casamento aqui. — fui sincera. — É meu lugar favorito do mundo.

— Mesmo assim parece infeliz. — olhei de relance para a parede, sabendo que ele estava certo. — Você o ama, e esperou que de alguma forma ele fosse até você.

— Ele foi. — suspirei com pesar, segurando minhas lágrimas. — Por isso fiquei tão abalada, porque a cada momento que o olhei queria contar a verdade e... — as lágrimas desciam, eu já estava sem controle algum. — Dizer que nunca quis ficar longe.

— Por que não o fez?

— Porque ele é feliz, Josh. — um soluço escapou de minha garganta. — Ele tem uma namorada há um bom tempo, tem amigos e família que o amam, e não posso mais uma vez entrar na vida dele e mudar tudo. Ainda mais pelo medo que sinto de...

— Não pode viver com medo, Mary. — falou bravo, e mordi o lábio com força, limpando as lágrimas que me tornavam novamente uma bagunça. — Você merece mais, ele merece mais. Se ele fosse tão feliz como você afirma, não estaria em Londres com a namorada? O que diabos ele faz em Montpelier uma semana depois de você contar do casamento para toda sua família?

As perguntas de Josh me atingiram em cheio e não queria pensar muito sobre. Na realidade, neguei qualquer possibilidade de que Damien apareceria. No máximo, pensei que o veria no meu casamento, e aquilo me destruía. Mas vê-lo a minha frente de surpresa, como se nada tivesse mudado mesmo sabendo que não éramos os mesmos, era como um grande tapa na cara. Porque de certa forma, ele estava ali por mim. E eu? Sendo uma cadela por não contar tudo. Mas tinha medo, medo de machucá-lo

ainda mais.

— Quando decidimos o casamento, pensamos que talvez fossemos felizes juntos. — Josh sorriu de lado, apertando minha mão. — A linha da amizade sempre será nossa, isso é um fato, Mary.

— O que mudou, Josh? — perguntei de relance, e o vi suspirar. — Algo está diferente pra me dizer isso.

— Bom, ao ver você pirar, jogando tudo pelo chão e quase destruindo seu quarto, eu vi de fato a sua dor de ficar longe dele. — senti-me completamente envergonhada. — Eu conheço sua dor, mas a questão é que fui obrigado a me separar de quem amo, e você, ainda pode escolher lutar.

— Tenho medo, Josh.

— Todos temos, Mary. — sorriu com carinho. — É uma mulher forte, soube disso no momento em que entrou no meu consultório. Não deixe que o medo tire tudo de você, você teve sua segunda chance. Faça valer a pena, Mary.

Ele se levantou, beijou minha testa com carinho.

— Vou falar com o médico pra ver se já vai receber alta.

— Ok. — limpei mais uma vez as lágrimas que desciam. — E Josh? — ele se virou. — Obrigada.

Sem dizer nada, ele saiu com um pequeno sorriso nos lábios. Tudo em minha mente e ao meu redor me mandavam arriscar, ao menos, tentar explicar a Dam sobre minha escolha. Que se ele quisesse, e me aceitasse, eu seria apenas dele... Que eu o amava.

Damien

Minhas mãos começaram a tremer, e não consegui sair do lugar. Sentei-me no chão do seu quarto, já sem força alguma nas pernas. Aquele sentimento de impotência tomando conta de todo meu corpo. Deus, como?

Passei as mãos por meu rosto, sentindo o suor em minha testa, e ainda assim, sentindo-me um completo imbecil. Como pude não perceber os sinais? Como pude aceitar tão facilmente aquela carta? Peguei novamente o papel em minhas mãos e não soube o que fazer, nem para onde correr.

Levantei-me um pouco sem firmeza, ainda sentindo meu corpo estático diante daquelas palavras. De toda as justificativas para ter sido deixado de lado no passado, aquela nunca foi a que esperava. Nunca, em toda minha vida, considere tal coisa. Como pude ser tão cego?

Comecei a andar de um lado para o outro, em busca de alguma resposta que fosse capaz de tirar aquela dor de meu peito. Eu poderia tê-la perdida para sempre... Como? Por que ela não me disse nada? A carta respondia a pergunta, porém, não conseguia aceitar, acho que nunca conseguiria. Por não ter estado ao seu lado no momento em que mais precisou de apoio.

Gritei em plenos pulmões toda minha dor, deixando as lágrimas correrem livremente. Naquele instante tudo passou a fazer sentido em minha mente. A carta deixada em seu travesseiro quando me deixou e pediu para que simplesmente sumisse de seu apartamento. Nunca fui tão infeliz como naquela manhã, mas lembrando claramente os momentos antes dela partir, tudo fazia sentido. Ela começou a se despedir no instante em que cheguei a seu apartamento naquele trágico fim de semana. Pois ela já sabia, e escolheu por nós dois, por simples e puro medo.

Aquela carta deixada era como um grito de socorro silencioso, o qual não fui capaz de compreender. Porém, a que estava em minhas mãos, era apenas a confirmação de que ela sempre me amou, e para ambos, a dor foi destruidora.

— Deus, nós perdemos tanto!

Passei as mãos pelos cabelos, ainda perdido em meus próprios pensamentos, e tentando discernir o que fazer a seguir. Eu precisava dela, tocá-la, abraça-la, senti-la mais uma vez por perto. Para ter a certeza real de que nada mudou, que nunca tinha mudado. Sem mais saber o que fazer, apenas aceitei a dor, relendo aquela carta e entrando em pânico, ao imaginar que um dia poderia ter sido entregue.

Mas não foi... E tínhamos tempo, tínhamos a chance de recomeçar.

Capítulo 10

“Às vezes é preciso afastares-te das pessoas que mais gostas. Mas isso não quer dizer que as amas menos... Às vezes amas ainda mais”^[13]

Quatro anos antes...

Mary

Olhei para o médico sem acreditar, com as lágrimas já tomando conta de meus olhos. Não, não podia ser!

Apertei uma mão na outra, enquanto minha mãe me encarou com pesar. Não existiam palavras, nem “sinto muito” capazes de fazer os pensamentos ruins me atormentarem.

— A senhorita precisa começar o tratamento mais rápido possível.

Assenti no automático, levantando-me da cadeira, e aceitando de bom grado os braços de meu pai, que tinha lágrimas em seus olhos. Não consegui mais olhar ao redor, nem raciocinar.

— Ela vai, doutor. Obrigada.

Ouvi a voz de minha mãe já longe, enquanto meu pai me tirava em seus braços daquela sala. Assim que chegamos ao corredor do hospital, um filme de toda minha vida passou por minha mente. Senti-me perdida, sem forças para simplesmente andar. Não consegui entender em que momento aconteceu, mas nunca imaginei que os hematomas recorrentes espalhados por meu corpo poderiam ter uma causa maior. Porém, eles tinham.

Mamãe tocou minha mão, e não consegui forçar um sorriso. Não sabia dizer como ficaria se eles não estivessem ali. Era coincidência do destino, ou como cria, era Deus, eles terem vindo a Montpelier justamente naquele dia de ver todos os resultados de inúmeros exames. Nunca esperei que o diagnóstico seria tão devastador, que me sentiria completamente perdida.

Ao entrar no carro, encolhi-me no banco de trás e chorei, feito uma criança de cinco anos. A imagem de Damien percorrendo minha mente, imaginando que tudo tinha acabado ali, que “nós” no futuro não existia. A dor era tamanha, ao olhar para meus pais que tentavam segurar o choro, enquanto dirigiam até meu apartamento, que explodi num choro inesgotável. Eu sabia, eles estavam tão devastados quanto eu.

Assim que entramos em meu apartamento, caminhei a passos incertos até o sofá, e sentei-me com as mãos sobre os joelhos.

— Mãe. — encarei-a, e a mesma forçou um sorriso. — Por favor, só não... Não conte a ninguém.

— Mas...

— É uma escolha minha. — pedi, e ela assentiu, beijando minha testa.

— Eu te amo, minha eterna princesa. — pisquei em meio as lágrimas que já turvavam minha visão. — Vamos lutar e você vai vencer!

— Obrigada. — puxei-a para um abraço, e logo senti os braços fortes de meu pai ao nosso redor.

Ali, desabei por completo.



Estava tudo pronto para minha partida para Baltimore, onde seria feito meu tratamento. Uma desculpa seria inventada a nossa família, meus pais me apoiavam e iriam comigo. Aquela, era a pior omissão de toda minha vida, pois quase ninguém saberia da verdade. Encarei a foto de Damien no porta-retratos de minha escrivaninha, onde criava meu mundo. Tinha me tornado escritora, assim como Nora, e amava meu trabalho. Porém, naquele instante, saber escrever não era algo que importava. De qualquer forma, minhas palavras feririam o homem que mais amava.

Passei as mãos por meu rosto, sem ainda conseguir redigir mentiras. A dor em meu peito apenas aumentava, e em poucas horas ele chegaria. Eu teria que colocar um sorriso no rosto, e fingir que tudo estava bem. Aproveitar aqueles momentos que poderiam ser os últimos ao seu lado. Fechei os olhos, deixando que uma lágrima escorresse, sentindo-me culpada antes mesmo de pegar a caneta.

Assim que o fiz, pensei em todas as palavras que o fariam me esquecer. Queria que ele fosse feliz, não que parasse sua vida para me assistir, e quem sabe, me perder de vez. Não poderia fazer aquilo com ele, deixar com que aquela doença nos destruísse aos poucos. Optei por ele me odiar do que vê-lo sofrer ao meu lado. Nada mais era certo ou garantido, não o colocaria naquela encruzilhada.

Eu o amava, como nunca amei alguém, e como nunca conseguiria amar novamente. Esperava que de alguma forma, algo intervisse no destino, para revê-lo mais uma vez, mesmo que fosse um pedido silencioso ao universo.

Terminei de escrever a carta que partiria seu coração, com o choro correndo livre sobre meu rosto. Por uns segundos pensei em rasga-la e ir embora sem machucá-lo. Mas eu conhecia bem Damien, e tinha certeza, ele não sossegaria até me encontrar. Precisava lhe dar motivos suficientes para me odiar. Por fim, guardei a carta na gaveta que sempre trancava os rascunhos de meus livros, já tendo em mente que a deixaria sobre a cama ao seu lado, assim que fosse deixa-lo.

Encarei outro envelope que se encontrava em cima da escrivaninha, e pensei e repensei sobre o que fazer. Se eu realmente me fosse, talvez, de alguma forma, poderia lhe contar a verdade através de minha visão. Para que ele soubesse, que nunca, em momento algum, deixei de amá-lo.

Pela primeira vez, durante aqueles dias infernais, as palavras fluíram em minha mente, e apenas deixa-as falar por mim;

“Querido Damien,

De todas as vezes que comecei a escrever algo em toda minha vida, essa carta com toda certeza essa é a mais difícil. Se está lendo nesse exato minuto é porque, infelizmente, eu me fui. Talvez não entenda o que quero dizer, mas te contarei tudo.

Cerca de uma semana antes dos nossos últimos dias juntos, os resultados daqueles inúmeros exames que fiz, devido aos hematomas que encontrei espalhados por meu corpo, saíram. Ao contrário do que te contei, o diagnóstico não foi nada bom.

Fui diagnosticada com leucemia mileoide aguda, até o nome é feio, não é? Não há muito o que explicar, até porque, não quero falar a respeito dessa doença, nunca quis que ela fosse o enfoque entre nós. Apenas, quero dizer que sim, deveria ter contado a verdade, ter enfrentado tudo ao seu lado, pois eu sei, você ficaria. Mesmo assim, como percebeu, eu escolhi mentir, e deixa-lo viver.

Desde sempre, minha prioridade foi sua felicidade. Não consegui em momento algum, imaginá-lo comigo num hospital durante o tratamento. Partir seu coração com mentiras foi mais fácil do que fazê-lo sofrer a cada dia ao meu lado. Essa doença tirou muito mais do que minha vida, me custou você. Essa é a parte que mais me dói. Porque, Dam, eu te amo e sempre vou amar.

Estou sentada em minha escrivaninha, olhando sua foto em meu porta-retratos, em meio a lágrimas, sabendo que em poucas horas você chega. Ter seus braços ao meu redor, será a única coisa

capaz de me trazer paz nesse momento. Talvez, em algum momento, durante o tratamento, eu me arrependa de não ter escolhido de contar... por isso e pela primeira carta escrita exclusivamente para fazê-lo me odiar, peço seu perdão. Perdão por se fraca demais, te amar demais... E não saber como dizer adeus.

Os meses ao seu lado foram os melhores de toda minha vida, e tive apenas a confirmação de que você sempre esteve certo. Fomos feitos um para o outro, e eu sempre serei apenas sua. Que um dia, em outra vida, eu possa ser novamente o seu carinho. Que você possa ser meu pequeno. Que nossa vida seja “nós”. Que nada, nem mesmo o destino, possa nos separar. Mas saiba, que mesmo de longe, meu coração permanece seu.

Sem adeus, e sim um até logo... Pois sei que um dia vamos nos reencontrar

Sempre e para sempre sua,
Mary”

Capítulo 11

“E fico triste novamente. Eu achei que quando passasse o tempo, eu achei que quando eu finalmente te visse tão livre, tão forte e tão indiferente, eu achei que quando eu sentisse o fim, eu achei que passaria. Chorar deixou de ser uma necessidade e virou apenas uma iminência. Você, que já foi tudo e mais um pouco, é agora um quase. Um quase que não me deixa ser inteira em nada, plena em nada, tranquila em nada, feliz em nada.”^[14]

No presente – dias depois

Mary

Andei de um lado para o outro na praça, enquanto Josh me encarava com um sorriso idiota no rosto.

— Dá pra parar? — pedi em tom de misericórdia, e ele deu de ombros.

— Tem que fazer isso com calma.

— Eu sei, mas...

Soltei o ar com força e levei as mãos a cabeça. Ainda me sentia tão culpada pelo passado que não sabia ao certo por onde começar a contar tudo para Damien. Tinha tomado minha decisão, após parar numa cama de hospital devido a um ataque de pânico por conta daquilo, portanto, era hora de enfrenta-lo. E aquilo, consistia em contar ao homem que amava que nunca deixei de amá-lo.

— Ele vai entender, Mary. — Josh me segurou pelos ombros, encarando-me. — Precisa ao menos tentar fazê-lo entender o que aconteceu.

— E se ele disser que ama a tal Rebeca e que ela é a mulher certa? — fechei os olhos com força, e tentei espantar lembranças de minha mente. — Ela é linda, Josh.

— Mas ele te ama. — abri os olhos um pouco incerta. — Nenhum homem larga uma vida para ir até outra cidade, só porque uma ex está nela. Tem mais nisso, Mary. Só você não enxerga.

— A casa dos pais dele é aqui. — falei com pesar. — E tenho medo de enxergar algo que não existe.

— Mas eles não estão aqui. E pare de achar que não merece uma segunda chance. Se você não acreditar, quem vai?

— Não sei. — fui sincera. — Acho que preciso de um café e... Vou até a casa dele, e...

— Vai dar tudo certo. — ele falou em um tom calmo, que fez-me ao menos acreditar por alguns segundos que seria fácil. — Melhor que um café, é comer algo, Mary. Vi que não se alimentou direito desde que saiu do hospital.

— Mas...

— Nada de “mas”, vamos logo! — insistiu, e acabei cedendo, seguindo-a até um restaurante próximo.

Caminhamos em silêncio, enquanto minha cabeça parecia uma verdadeira bagunça, composta por todas as palavras certas e completamente confusas a dizer a ele. Será que Damien entenderia? Se sim, será que me aceitaria de volta? Foram três anos...

Josh parou de repente, cobrindo minha visão, e bati contra suas costas.

— Mary. — seu tom era incerto, e então olhei na direção que o mesmo encarava preocupado.

— Ei, o que...

Minha voz se perdeu, assim como uma batida de meu coração. Encarei a cena a minha frente

completamente atordoada, sem conseguir refrear as lembranças, que me atingiram em cheio.

A notícia que deveria me fazer a pessoa mais feliz do mundo, repassava milhares de vezes em minha cabeça. E a única pessoa que queria poder contar era Damien. Portanto, ali estava eu, sem saber como encará-lo depois de praticamente dois anos praticamente sem vê-lo, e ainda por cima, sabendo que ele tinha outra pessoa.

Era uma reunião familiar de domingo na casa de Nick e Selena, em Malibu, e enquanto alguns questionavam tanto a mim quanto meus pais a respeito da nossa estadia interminável em Baltimore (Se eles soubessem da verdade...), meus pais tentavam a todo custo enganar a todos, além de contar que viajamos para vários estados do país que eram uma inspiração e tanto para meus livros, o que na realidade era uma grande mentira, porém, o que estava ao nosso alcance.

— Mary. — Pen falou sem jeito ao chegar de repente a minha frente, e me levantei para abraça-la, e ela o fez, só que parecendo incomodada.

— O que foi? — perguntei sem entender.

— Acho melhor sentar e fingir que hoje é o melhor dia da sua vida. — praticamente sussurrou em meu ouvido e se afastou.

Engoli em seco, e fiz o que ela disse, para em poucos segundos, ver Damien chegar, de mãos dadas com uma ruiva, adentrando a área da piscina da casa. Nossos olhares se conectaram por um breve instante, e senti-me quebrar. Permaneci estática, dando um sorriso para Pen, em claro agradecimento, porque de alguma forma ela me preparou.

Ele sorria para ela, eles se beijavam, e não tive sequer a coragem de chegar perto ou cumprimenta-los. Fugi feito uma completa idiota a tarde toda, e dei um jeito de simplesmente sair mais cedo, inventando algo a respeito de um de meus livros. Era aquele o jeito – fugir. Não conseguia aceitar o fato de que ele tinha ela, e que era feliz. No fundo, foi o que sempre quis para ele. Então por que doía tanto assim?

A resposta era clara: eu ainda o amava.

— Mary. — a voz Josh me trouxe de volta a realidade, e virei de costas, caminhando em direção onde meu carro estava. — Mary!

A cena de Damien sentado numa mesa com ela, a mão dela sobre a dele, ainda atormentando todo meu ser. Ele sorria, da forma que tanto necessitava. A ruiva a sua frente, continuava linda, e realmente, formavam um casal de tirar o fôlego. Eu sabia, para ele ter se entregado a uma relação, existia algo “mais”.

As lágrimas desciam por meu rosto, e só parei de andar, quando cheguei a frente do carro, e encostei contra a porta.

— Tá tudo bem, Josh. — menti, passando as mãos pelo rosto, tentando me recompor.

— Não, sei que não está. — parou a minha frente, olhando-me sem jeito.

— Vai ficar, algum dia. — respirei fundo.

Josh não insistiu, pois me conhecia bem. Quando me trancava em minha própria dor era praticamente impossível me fazer falar. Mas quando me sentei no banco do carona, encostei a cabeça na janela, e fechei os olhos. Em meus pensamentos tudo o que vivi com Damien fez-se presente. Por um momento, tive a certeza, que aquilo, era tudo o que restara de nós.

Damien

— Vou no banheiro. — Carl falou de repente e se levantou.

— Ele está estranho. — falei, e Beck assentiu, mexendo nervosamente no guardanapo em suas mãos. — Você também.

Seu olhar encontrou o meu e notei a completa falta de jeito que ela me tratava. Não conseguia entender, pois além de namorados, antes de tudo, éramos amigos.

— Me diz, o que está acontecendo? — perguntei por fim.

— É complicado. — passou as mãos pelo cabelo longo ruivo, e seus olhos verdes pareciam inquietos. — Talvez me odeie... E a Carl também.

— Como assim? — fiquei em alerta.

— Sabe que Carl e eu nos conhecemos desde o colégio, não é? Melhor dizendo, desde que ele se mudou para Londres. — assenti, sem ainda entender onde ela queria chegar. — Eu me apaixonei por ele quando tinha quinze anos. — arregalei os olhos, completamente surpreso. — Mas ele nunca me notou e bom, eu pensava isso...

Ela parou de falar de repente, e comecei a juntar vários pedaços de momentos em minha mente. A forma como Carl ficou quando soube sobre nós foi tão fria que até ficamos sem jeito, a forma como ele ficou feliz ao saber que viria atrás de Mary, ainda mais por saber do término com Beck...

— Mas ele nota, não é? — perguntei e foi a vez dela arregalar os olhos. — Nunca mentimos um para o outro, Beck. Você sempre me disse que se apaixonou por mim, mas ainda tinha alguém em seu coração. Assim como eu falei desde o princípio sobre Mary.

— Esse alguém é Carl. Sempre foi ele.

— Ok, eu nem sei o que dizer. — falei abismado.

— Dam, ele é seu melhor amigo e eu... Bom, somos amigos ainda, não é? — assenti, ainda tentando entender toda a situação. — Nos dois anos que ficamos juntos, em momento algum Carl demonstrou algo ou tentou algo comigo, eu muito menos. Não queremos que...

— Espera, você está falando como “nós”? — ela assentiu sem jeito. — Vocês estão juntos! — acusei e ela ficou praticamente da cor do cabelo, enquanto eu sorria.

Quando notou meu sorriso, Beck franziu o cenho.

— Imaginei que nos julgaria, xingaria e... Mas não que sorrisse. — falou completamente sem graça.

— Por que os julgaria? Não começaram a ficar juntos depois que terminamos?

— Sim, mas...

— Então, não precisava sequer vir até aqui me dizer isso, Beck. — falei com toda sinceridade. — Se desejo felicidade a alguém nesse mundo, é a vocês dois.

Não poderia ser dissimulado e dizer que aquilo me atormentaria, ou que acharia estranho. Eu tive a mesma mulher em meu coração desde a adolescência, como poderia me importar a ponto de achar um relacionamento entre eles um bicho de sete cabeças? Eram livres, solteiros, apaixonados... *Por que faria um escândalo?* Estava realmente feliz por eles.

A mão de Beck apertou a minha sobre a mesa, e sorri. De alguma forma, saber daquilo, deixava minha consciência tranquila, pois me sentia um completo canalha por tê-la magoado. Então, simplesmente, não o tinha feito.

— Sério?

Levantei meu olhar e encontrei o de Carl, que parecia completamente surpreso.

— Se tivesse me contado sobre ela, eu nunca teria me aproximado. — ele me encarou sem jeito, e bateu em meu ombro rapidamente, sentando-se ao lado de Beck em seguida. — E eu achando que Mary é

complicada. — brinquei, e os dois sorriram.

Pela primeira vez, acabei notando a forma como se olhavam. Com certeza, ambos disfarçavam ao máximo. Principalmente Carl que vivia com uma mulher diferente em sua cama. Mas de toda forma, apenas os queria felizes. E pelo que via, eles tinham se resolvido, e quando a tensão entre nós passou, notei como aquilo realmente os fez ficar melhor. O que eles pensaram que eu faria? Quem sou eu para julgar o amor que sentem?

Logo eu, o completo bobo apaixonado.

— Minha mãe! — Beck falou mostrando o telefone, e saiu da mesa rapidamente.

— Mas como as coisas estão? — Carl perguntou, no instante em que ela se afastou.

Nós éramos como irmãos desde que cheguei a Londres, e com certeza, tinha percebido a forma como estava ansioso.

— Bom, descobri algumas coisas. — engoli em seco, lembrando-me da carta que tinha lido há alguns dias, a qual mudou completamente meu pensamento sobre tudo. — Descobri porque ela me deixou, e nos últimos cinco dias, fiquei repensando e pensando como encarar isso.

— Mas não vai desistir?

— Nunca. — falei com firmeza. — Essa mulher está enraizada sob minha pele.

— Sei bem como é isso. — Carl falou baixo. — E quase a perdi... Cara, quase perdi a mulher que amo pra você.

— Porque é um imbecil. — acusei, dando de ombros.

— Isso é verdade. — confessou. — Mas vou lutar para ser o homem certo para ela.

Nunca o vi tão decidido desde o dia em que nos conhecemos. Não poderia julgá-lo, era como um reflexo meu. Mary invadiu meus pensamentos no mesmo instante. Aquela mulher sempre estaria em minha mente, e principalmente, em meu coração. E nós tínhamos um encontro pendente.

Capítulo 12

“Eu não sabia que o amor muda. Pessoas mudam, situações mudam. Mas o amor não.”^[15]

No presente

Mary

— Tudo bem, Josh. — ele pediu pela milésima vez para que fosse com calma, mas não deixasse o medo me impedir. — Eu vou dizer tudo, vou contar a ele. Dessa vez, não será uma escolha minha.

— *Estou orgulhoso, Mary. — respirei fundo mais uma vez. — Vá logo, mulher!*

— Ok, tô indo. Obrigada por tudo, Josh.

— *Amigos são pra isso.*

Ele desfez a ligação, e coloquei o celular no bolso da calça.

Estralei nervosamente os dedos da mão, enquanto descia as escadas para ir até a casa dos pais de Damien, na esperança de que ele ainda estivesse ali. Mas se não, não me importava, não naquele momento. Eu atravessaria o oceano se preciso. Cheguei a sala e peguei as chaves sobre o sofá, não olhei ao redor, e assim que levantei o olhar, quase caí dura no chão. Levei as mãos ao peito pelo susto, enquanto olhos verdes me observavam. Damien estava sentado à frente do piano, encarando-me. Ele e sua mania única de ser completamente silencioso.

Será que ainda tínhamos chance? Aquela pergunta atormentava minha mente há mais de um ano. E finalmente, eu poderia ter uma resposta.

Eu precisava arriscar.

Abri a boca para dizer algo, mas nada saiu. Repensei rapidamente o que tanto ensaiei e repassei nas últimas horas, após vê-lo com ela no restaurante. Tinha sido uma covarde no passado e não lutei por ele, mas naquele instante, eu não desistiria. Damien dizendo sim ou não, deixaria claro que o amava. Fiz minha escolha entre lutar pela felicidade ou definhar em meu medo. Resolvi, pela primeira vez, encarar Damien e lhe contar toda verdade. Ele merecia, mais do que ninguém do mundo. Pois foi quem justamente enganei e magoei, e não queria que pensasse por mais nenhum segundo que não o amei... que não o amava.

Poderia ser egoísta pedir uma chance naquela altura que nos encontrávamos, mas era dele, e precisava ao menos, tentar uma última chance. Seu olhar não saía do meu, e não podia mais enrolar. Era o momento de realmente abrir meu coração para ele. Respirei fundo, e fechei os olhos, tentando encontrar as palavras certas, que de repente, sumiram de minha mente.

Assim que os abri, vi Damien se levantando, surpreendendo-me com seu passo seguinte. Em menos de um segundo, estava a minha frente, abrindo os braços de forma carinhosa como antes... aceitando-me.

Não resisti, e fui até ele, entregando-me aquele abraço. O medo me rondava, de que após contar tudo, nunca mais o tivesse ali, porém, correria o risco. Um relacionamento não podia ser construído sobre mentiras, e o que mais queria, era tê-lo novamente, sem nenhuma parte do passado entre nós.

Damien

Os últimos dias estive no verdadeiro inferno, digerindo cada palavra escrita em sua carta. A dor me partiu ao meio, porém, depois de toda auto-piedade e me afogar em álcool pela culpa, decidi ir até ela, contar que nada importava além de nós. Quando a vi na sala, em seus olhos enxerguei o meu reflexo. Sua dor tão clara quanto a minha, já encrustada em sua pele. Seu olhar se dividiu a tristeza e surpresa por me ver ali. Sem mais pensar, fui até ela, recebendo-a em meus braços. E naquele instante, minha mulher voltou para mim.

Ela estava tão indefesa em meus braços, que não consegui pensar em soltá-la, nunca mais. Ali era seu lugar, nós nos pertencíamos. A contragosto, deixei que se afastasse um pouco.

— Eu sei que não devia, melhor dizendo, que não devo.

Mary me encarou com a tristeza ainda estampada em sua face, e em seguida fechou os olhos como se buscasse forças. Ela parecia sem palavras, e lágrimas tomaram conta de sua face. Levei minhas mãos até ela, enxugando cada lágrima que descia.

— Dam. — abriu seus lindos olhos castanhos.

Sua dor era minha dor, ela precisava entender de uma vez por todas aquilo.

— Eu te amo. — falou de repente, surpreendendo-me. — Sempre te amei, pequeno.

Eu deveria dizer algo, mas não consegui. Fiquei apenas parado, com ela em meus braços, esquecendo-me por completo do que fazia ali.

— Há quatro anos, eu tive os melhores momentos de minha vida, ao seu lado. — respirou fundo, tocando meu rosto. — Eu te amei mais do que posso dizer, contar ou explicar... E ainda amo. Eu nunca quis te deixar, Dam. Nunca. Mas, dias antes do último fim de semana que passamos juntos, tive a notícia sobre minha saúde. Eu fui diagnosticada com câncer. — um frio subiu sobre minha espinha, e tentei segurar as lágrimas. Eu tinha ido ali contar sobre o que li, e ela, surpreendendo-me por completo, estava abrindo seu coração. — Escolhi por nós, escolhi não te fazer sofrer ao meu lado, ao ter que me ver durante o tratamento... Prefiri que me odiasse ao invés disso. Passei dois anos em tratamento, com altos e baixos, e quando finalmente me curei, era tarde demais. Não consegui te dizer tudo, por medo de que em algum momento a doença voltasse... Você tinha sua namorada, uma vida em Londres, sempre sorrindo... Eu, seria apenas o seu passado te atormentando. Então, me calei. — passou as mãos de leve pelo cabelo.

— O que mudou? Você está de casamento marcado e... — tentei dizer, com as lágrimas já descendo por minha face.

— Ver você, só nós dois... Isso mudou tudo. — suspirou fundo. — Pode ser meu ato mais egoísta, e Dam, eu sei, você pode não me escolher. Vi você com ela hoje mais cedo, e sei que ainda são felizes juntos... Mas se existir a mínima possibilidade de me perdoar, por ter escondido tanto, pelas palavras horríveis que lhe deixei... Não posso mudar o passado, mas essa sou eu, dando-lhe tudo de mim, pedindo mais uma chance. De todas as coisas que um dia sonhei, a única que realmente preciso é você.

— Não tem mais medo? — ela assentiu, suspirando. — E se a doença voltar, Mary? Vai me deixar novamente? Mentir e omitir tudo de mim?

— Dessa vez, estou te dando o poder da escolha, Dam. — sorriu sem jeito em meio as lágrimas.

— Então, se eu disser que vou ficar com você e que nada no mundo será capaz de nos separar... E mais, que não existiram segredos ou mentiras entre nós... E que nunca vais vou deixá-la ir. Você estaria de acordo com essa escolha?

— Eu... — sua voz saiu sem força, e lágrimas rolaram livremente por seu rosto. — Eu seria a mulher mais feliz do mundo.

— Errado. — toquei seu rosto com ambas as mãos. — É a minha mulher.

Ela não me perguntou mais nada, nem estranhou minha reação calma diante de toda sua confissão. Éramos uma bagunça, e logo eu mostraria a ela que li a carta, e que de qualquer forma, mesmo sem saber da doença, voltei a Montpelier com o objetivo de tê-la para mim. Meu coração nunca errou a respeito e nada, tive a certeza naquele instante, em que desci meus lábios sobre os dela, e encontrei minha paz.

Aquele era o sentimento mais confuso, porém a vitória mais bonita quando baseado em confiança. Dali para a frente, seria nosso recomeço. Uma verdade permanecia, depois de todas as dúvidas, desencontros e palavras perdidas – o amor.

Capítulo 13

“Por razões que desconheço, nossas aproximações foram sempre pela metade. Interrompidas. Um passo para a frente e cem para trás. Retrocessos. Descaminhos. E me pergunto se, quem sabe um dia, na hora certa, nosso encontro pode acontecer inteiro.” ^[16]

No presente

Damien

Afastei-me com cuidado de seu corpo, e ela sorriu, da forma que tanto senti falta durante aqueles anos separados. O que eu faria, caso realmente tivesse a perdido para aquela doença? Não saberia ao certo como seguir em frente, não caso ocorresse. Mas, felizmente, ela estava ali, a minha frente, e aquilo que realmente importava.

— Sabe por que vim aqui? — ela negou com a cabeça, passando as mãos delicadamente pelo rosto, limpando alguns resquícios de lágrimas. — Eu deixei tudo para trás, no dia em que Lizzy me contou sobre seu casamento. — sua boca se abriu num perfeito “o” e seus olhos se arregalaram. — Terminei com Beck e ajeitei tudo no trabalho, para o mais rápido possível chegar a Montpelier. Porque eu tinha o plano de te seduzir e mostrar que sou o homem certo pra você.

— Você é, Dam. Sempre foi. — sorriu, um pouco embasbacada com minha confissão. — Mas eu vi vocês e pensei que ainda estavam juntos.

— Viu? — perguntei curioso.

— Estava indo comer no restaurante, foi quando vi vocês dois sentados numa mesa, com a mão dela sobre a sua. — sua voz saiu fraca, e naquele instante, notei o quanto aquilo a magoava. — Pensei que estava juntos e mesmo assim, decidi ir pra luta.

— Beck está com Carl. — falei de uma vez, e ela arregalou os olhos no mesmo instante. — Os dois passaram por aqui apenas para me contar a respeito de seu relacionamento, por medo de que pensasse que fui traído ou algo assim. — foi impossível não sorrir de sua cara de espanto. — Mas, falando de nós... — abri um sorriso carinhoso, vendo a forma ansiosa com que me encarava. — Bom, eu não sabia de nada do que houve naquela época, até me confessar isso há poucos minutos... — sorri um pouco sem jeito. — Ou melhor, até resolver vir falar com você há cinco dias e não te encontrar, mas sim, uma carta endereçada “para ele”. — fiz aspas com os dedos, e os olhos de Mary quase saíram fora de órbita.

— Dam, eu não...

— Calma. — toquei seus ombros com carinho, e notei que já estavam tensos. — Encontrei a carta jogada no seu quarto e não resisti, ao pensar que fossem votos para o seu noivo.

— Ex-noivo. — corrigiu.

— Ok, para seu ex-noivo. — falei e foi impossível não sorrir arrogantemente. — Enfim, quando abri, foi como levar um verdadeiro tapa na cara, ou melhor uma surra completa. Não sabe o quanto me culpo por não ter entendido antes, te procurado e...

— Não, Dam. Eu sumi, fiz a escolha sozinha. Ninguém além dos meus pais sabe disso... Eu não soube lidar com tudo e acabei te perdendo.

— Mas me tem agora. — alisei levemente sua face. — Me tem ainda mais porque não foi preciso contar que li a carta, e sim, encontrei você aqui disposta a me dizer tudo, e o fez, com cada detalhe. Isso que importa, que mesmo depois de termos nos separado, você me escolheu não porque descobri a

verdade, mas porque é isso que quer.

— Sempre quis. — sorriu com carinho. — Não sabe como senti falta de você, da sua voz, seu toque... Seus olhos, os meus favoritos de todo mundo.

— Mas saiba que a partir de agora, não tem mais como fugir. — enlacei sua cintura. — Apenas nós, daqui para sempre, carinho.

— Apenas nós.



Deitados no chão da sala de seu apartamento, Mary passava a mão de leve por minha barriga, enquanto sua cabeça estava encostada em meu peito. Precisávamos falar, conversar e principalmente, entender cada pequena parte um do outro, de tudo que foi perdido.

— Quando decidi raspar a cabeça, invés de esperar que todos os cabelos caíssem. — ela suspirou fundo. — Percebi, ao me olhar no espelho, que nada se comparava ao fato de não poder te ter ali. Pois eu sei, que não importava a forma que eu estivesse, ainda assim, continuaria sendo seu ‘carinho’. Doeu tanto, que te liguei naquela mesma noite... Pois eu sabia, que de alguma forma, você me faria esquecer aquilo, e pensar positivo.

— Fez mesmo isso? — perguntei surpreso, e ela assentiu, apoiando-se contra o cotovelo, e encarando-me.

— Você atendeu, disse “oi”, e tudo o que consegui pensar era em pegar o primeiro voo para Londres. — uma solitária lágrima desceu por seu rosto. — Mas eu não podia, ou melhor, não consegui.

Passei as mãos com carinho por seu rosto, limpando a lágrima. Ela abriu um breve sorriso que dizia muito mais que palavras. Estar ali, naquele apartamento, onde nos entregamos pela primeira vez a nossos sentimentos, era como voltar ao passado e sentir que tudo estava em seu devido lugar.

— Joshua, que era meu noivo, na realidade é meu melhor amigo desde que o conheci. — franzi o cenho, querendo e ao mesmo tempo não querendo ouvir a respeito dele. Porque de alguma forma ela tinha aceitado se casar, e o ciúmes me corroíam por dentro. — Eu o conheci durante os primeiros meses de meu tratamento, Josh é psicólogo. — esclareceu. — Por um breve tempo ele acabou sendo o meu, e foi dessa forma que nos identificamos.

— Até iriam se casar. — as palavras escaparam de minha boca, e Mary me encarou com pesar.

— Éramos dois quebrados, e por nos darmos bem pensamos que poderia, algum dia, dar certo. — levantou-se de repente, ficando sentada sobre seus joelhos. — Josh perdeu a esposa há alguns anos num acidente de carro, e eu tinha me conformado que nunca mais poderia te ter. Que não te merecia, Dam. — suspirou fundo, e acabei me sentando também, porém apenas a observei. — Ainda não mereço, e tenho uma carga difícil, porque não se sabe se...

— Não diga isso. — forcei-a me encarar. — Se em algum momento duvidar de nós, ou simplesmente pensar em fugir, lembre-se do quanto te amo. Vim pra Montpellier para acabar com seu casamento, porque mesmo depois de ter sido tão ferido naquela carta e ter passado praticamente três anos sem te ver, eu continuei te amando.

— Quando cheguei a Montpellier, no primeiro momento quis vir pra cá, já que não venho aqui desde que te deixei. — confessou. — Josh foi para um hotel, pois pedi a ele um tempo para reorganizar minha mente e quem sabe ficar bem. Quando cheguei a frente desse apartamento, não consegui entrar.

Estar aqui era minha maior tortura, evitei a todo custo vir aqui porque me fazia lembrar de um tempo feliz que não voltaria

— E não vai voltar. — toquei seu rosto com toda devoção que sentia. — Mas temos as lembranças boas e ruins para no acompanhar, assim como redesenhar nosso destino.

— Nunca pensei que o teria de novo. — encarou-me profundamente. — Doía te ver com ela, te ver sorrindo para *ela*... Sei que sou a idiota que estava de casamento marcado, mas em momento algum, fui feliz com outro homem. Eu ia tentar, mas mesmo conhecendo Josh há três anos, nunca consegui passar de um simples selinho. — riu sem vontade, e meu lado possessivo ficou em alerta. — Sou uma ridícula, mas depois de você, Dam. Sempre foi apenas você.

Sem conseguir organizar sua confissão em minha mente, e sem ter uma resposta que expressasse a felicidade que tomou conta de meu ser, por saber, que mesmo distantes, ela sempre pensara em mim. Puxei de leve suas mãos até meus lábios e beijei com carinho cada uma delas, para em seguida, fazer o mesmo em cada cantinho de se rosto, e por fim, alcançar sua boca.

Palavras não eram precisas...

Nem conseguiriam expressar o que senti...

Pois naquele instante, o toque era a maneira mais verdadeira de demonstrar o quanto a amava.

Sua língua duelou com a minha e não consegui me segurar no instante em que gemeu em minha boca. Mesmo depois de todo aquele tempo, seu gosto parecia ter se tornado ainda mais viciante. Eu era completamente louco por ela.

Aos poucos, cada peça de roupa começou a ser retirada, e quando minha pele tocou a sua, sem nada entre nós, senti meu coração bater disparado no peito, e não saberia dizer a plenitude que era tê-la ali, debaixo do meu corpo, sendo minha mais uma vez. E daquela vez para sempre.

— Eu te amo. — falou no instante que nossos corpos se uniram, fazendo com que todo o meu desejo aumentasse ainda mais, como se fosse possível ficar naquela redoma construída apenas por nós.

A cada noite sonhando com sua volta... Esperando uma ligação, uma mensagem... Algo além daquela maldita carta. E naquele instante, encontrei a resposta!

Nossos corpos se uniam com perfeição, e entrelacei nossas mãos, encarando com devoção o contraste entre nossas cores, o suor escorrendo por nossos corpos, o olhar perdido em sensações da mulher que amava.

Perde-la foi como perder a mim mesmo...

Encontrá-la foi como uma dúvida insistente se um dia a teria novamente...

Tê-la era apenas a confirmação de nosso amor era feito para aquela vida e outras mais...

Por isso, quando atingi o ápice do prazer, com ela junto a mim, sorri, da forma mais sincera ao decorrer de toda minha vida. Limpei com cuidado lágrimas de prazer que corriam por seu rosto, e a fiz abrir os olhos, apenas para poder beijá-la mais uma vez e confirmar que dali para frente, nada seria capaz de nos separar.

Capítulo 14

“Que sejamos livres de preconceitos.
Que nenhum de nós se esqueça da força que possui.
Que não nos falte fé e amor.”^[17]

No presente - um mês depois.

Mary

Os últimos três dias tinham sido de pura ansiedade e por outro lado, medo e não ser real. *Minha menstruação estava atrasada*. Suspirei fundo, lembrando-me da noite passada, onde acordei e me deparei com as mãos de Damien em minha barriga massageando-a. Com certeza imaginei que estava com cólicas, por isso meu silêncio e meu jeito inquieto. Fiquei imaginando se ele faria o mesmo, caso minha suspeita se confirmasse. Por Deus, foi uma cena linda!

Aquela suspeita estava acabando comigo, e finalmente, a resposta estava a minha frente, ou melhor, nas mãos de Lizzy.

— Lizzy, por favor, diz de uma vez! — praticamente implorei, e ela continuou com seu rosto impassível. — Lizzy! — gritei, e ela gargalhou.

— Acho que é hora de Damien aprender a trocar fraldas.

Arregalei os olhos, e ao mesmo tempo me escorei contra a pia do banheiro. *Não, não podia ser...*

— Deixa eu ver! — pedi, e ela revirou os olhos, entregando-me o teste enrolado em um papel higiênico.

— Primeiro me liga feito louca, me faz comprar o teste e vir pra cá, e no fim, não acredita em minha palavra? — provocou.

Apenas a ignorei, assim que encarei o teste a minha frente. Estava no visor a confirmação e ainda mais, o tempo aproximado de gestação. Deixei o teste de lado e caminhei completamente atordoada até a cama do meu quarto. Aquilo não podia ser real, mesmo que já estivesse desconfiada.

— Grávida. — falei baixo, levando uma das mãos a minha barriga ainda plana.

— Completamente! — Lizzy bateu palmas, sentando-se ao meu lado. — Você e Damien ficaram o que? Mais de dois anos longe? Bastou um mês juntos e olhe só, já arrumaram um bebê! — falou animada.

— Lizzy... — fiquei estática. — Nós nunca falamos sobre filhos ou...

— Ah, qual é, Mary? — bufou, revirando os olhos. — Se pedisse a Damien para mudar de nome, ele o faria. Sério! Acha mesmo que ele não sonha em ter um filho com você?

— Não sei. — fui sincera.

— Ah, por Deus, Mary! — bateu de leve em minha coxa. — Olha só, o homem é louco por você e você por ele! Simples! Vão ter um bebê com essa sua pele maravilhosa e os olhos verdes dele, já até vejo.

— Você é maluca. — falei, abrindo um sorriso, imaginando uma pequena mistura minha e do homem que amava.

— A maluca aqui sabe das coisas.

Ouvimos a campainha, e Lizzy me encarou franzindo o cenho.

— Deve ser Josh, ele ficou de passar aqui para dar um até logo, já que vai passar umas semanas

em Chicago. — informei, e Lizzy fechou a expressão. — Ei, seja gentil com ele!

— Ele é seu ex-noivo, como consegue ser amiga dele?

— Já te contei. — falei pausadamente, ela só não sabia do que realmente me levou a entrar no consultório dele. — Ele é mais amigo do que qualquer outra coisa.

— Mesmo assim. — deu de ombros e se levantou.

Fui atrás dela, com a mão ainda na barriga, sem saber muito bem o que pensar e até mesmo o que fazer. Aquela novidade era insana, mas o que queria mesmo era saber a reação de Damien.

Assim que cheguei a sala, encarei a cena a minha frente curiosa.

— Ela está bem, já pode cair fora.

— Tudo bem com você, Elizabeth?

— Estava, até a campainha tocar.

Fiquei parada, assistindo o desenrolar da cena. Lizzy não era a pessoa mais comunicativa do mundo, porém, nunca a vi destratando alguém como o fazia com Joshua. Algo estava estranho naquela conversa.

— Ei, Josh! — resolvi intervir.

Ele passou por Lizzy, que me encarou como se tivesse sete cabeças. *O que ela queria?* Encaro Josh com a sobrancelha arqueada, e ele me lança um olhar que reconheço bem: *Depois!*

Conversamos por alguns minutos e ele me conta com animação sobre a viagem, a qual tem o objetivo de repensar tudo, a respeito de si. Josh merecia, mais do que ninguém uma nova chance. Minutos depois, quando ele sai, não perco tempo, e encaro Lizzy de forma decidida.

— Que foi?

— Pode falar!

— Sobre? — faz-se de desentendida e se joga sobre o sofá, pegando o controle da tv.

— Lizzy, desembucha! — insisto, e ela bufa, encarando-me contrariada.

— Não é nada. — dá de ombros.

Continuo-a encarando com um sorriso gigante, tentando deixa-la sem escapatória.

— Não vai parar até saber, não é? — assinto, sentando-me ao seu lado. — Promete que ninguém vai saber disso? Nem mesmo Damien?

Faço um zíper com o dedo na boca, e ela sorri, sentando-se.

— Palavra de grávida. — falo, levando as mãos a barriga.

— Ok, mas depois que contar, vamos bolar um jeito de contar para Damien sobre esse bebê aí! — concordei, dando-lhe toda minha atenção.

Ouçó atentamente cada palavra que ela começa a dizer, e surpreendi-me ainda mais por cada situação que sequer imaginava que ela passou. Mas aquela não era minha história para contar.

Damien

Meu pai me encarou com um sorriso debochado no rosto, e acabei desistindo da gravata, ficando apenas com a camisa social azul clara e um blazer no lugar do terno.

— Ok, pode começar! — falei por fim, e ele sorriu, sentando-se na poltrona de meu quarto. O silêncio dele me incomodava, por mais que fosse acostumado com seu jeito. Naquele instante, eu estava

realmente pirando. — Pai! — insisti.

— Relaxa, Damien. — falou despreocupado, enquanto a todo custo eu tentava arrumar meu cabelo a frente do espelho. — É que me vejo em você!

— Não não! — virei-me para encará-lo. — Você me usou no pedido de casamento pra mamãe, e eu vou usar o que com Mary? Não tenho uma criança para usar nisso.

— Culpado! — sorriu, levantando as mãos em sinal de rendição. — Usa seu charme, moleque. Além do mais, Mary sempre foi louca por você, mesmo eu não entendendo bem esse afastamento que tiveram, sei que nunca se esqueceram. Era nítido em seus olhos, e nas poucas vezes que consegui vê-la... Ela praticamente fugiu da família toda. Vi isso de perto porque moro aqui, os outros estavam em , no começo, não sentiram tanto. Além de que sei, Mary mentiu bem sobre querer passar um tempo com os pais fora.

— Pai...

— É a história de vocês, e respeito isso, filho. O que nunca consegui entender foi porque, já que era óbvio, vocês se gostavam.

— Eu a amo. — confessei, sentindo-me um bobo.

— Se não amasse não estaria há mais de uma hora parado a frente desse espelho. — provocou.

— Gabe Harris! — mamãe praticamente gritou ao entrar no quarto, e meu pai ficou impassível. — Deixa o nosso menino em paz.

— Depois diz que eu que mimo as crianças. — papai bufou e eu tive que gargalhar.

— Que crianças? — resolvi provocar, e mamãe deu um tapa em meu braço. — Qual é, velhos, eu e Pen já somos adultos.

— Você continua o mesmo bebê de olhos grandes e verdes, a cópia do seu pai. — mamãe revirou os olhos da própria fala. — Deus, você vai se casar! — notei seus olhos marejados.

— Ainda é só o pedido, mamãe. E ela precisa dizer “sim” antes disso. — mamãe deu de ombros, tocando os meus em seguida.

— Ela não é louca de dizer não. — piscou pra mim. — Além de que não aceito outra nora.

— Mas você não adorava a Beck, querida? — papai provocou, e mordi a boca internamente, porque se risse naquele instante, com certeza, seria o pior filho do mundo.

— Continuo adorando, mas adoro ainda mais longe do meu bebê. — beijou meu rosto com carinho. — E você, Gabe já que está tão engraçadinho hoje, que tal dormir naquele confortável sofá da sala?

Ela arqueou a sobrancelha, e o momentos raro em que meu pai ficava estático, ocorreu. Sem dizer mais nada, mamãe saiu do quarto, e ele se levantou no mesmo instante. Antes que ele saísse dali, o chamei.

— O que? — perguntou, aparentemente mais preocupado em correr atrás da minha mãe, do que me ouvir.

— Isso é estar casado?

— Isso é estar casado com a mulher que ama, e que por uma sorte do destino, te ama também.

Ele então saiu, deixando-me sozinho com meus pensamentos. Peguei a caixinha de veludo a minha frente e a abri novamente, encarando a aliança delicada e imponente como a minha mulher. Poder chamá-la daquela forma era minha verdadeira paz. Antes, no passado, mesmo juntos acabamos não contando muito sobre nós, até mesmo a nossa família. Eles desconfiavam, alguns até mesmo tinham certeza, mas nunca nos viram realmente juntos. Porém, ao decorrer do mês que se passou decidimos que éramos de fato para durar, e nada melhor do que poder caminhar tranquilamente de mãos dadas com a mulher que

amava. Era minha maior felicidade. Ela só não sabia que eu planejava ainda mais, que a queria como minha no papel também.

Lembrei-me da noite passada, onde ela estava incomodada com algo, e passei a noite toda fazendo carinhos em sua barriga, porque mesmo sem ela dizer, desconfiava ser alguma cólica, já que ela sofria muito com aquilo. Lembrei-me de seu sorriso quando despertou de seu sono, e percebeu os carinhos de minhas mãos sobre sua pele, aquele sorriso, era o que queria ter para sempre. Todos os dias.

Realmente, meu pai estava certo, eu tinha sorte.

Capítulo 15

“A primeira lição está dada: o amor é onipresente. Agora a segunda: mas é imprevisível. Jamais espere ouvir “eu te amo” num jantar à luz de velas, no dia dos namorados. Ou receber flores logo após a primeira transa. O amor odeia clichês. Você vai ouvir “eu te amo” numa terça-feira, às quatro da tarde, depois de uma discussão, e as flores vão chegar no dia que você tirar carteira de motorista, depois de aprovado no teste de baliza. Idealizar é sofrer. Amar é surpreender.”^[18]

No presente

Mary

Olhei para os lados ainda me sentindo uma tapada, sem acreditar que perdi Lizzy dentro de uma loja de artigos infantis. Depois que conversamos, ela praticamente me obrigou a vir a essa loja, alegando ser o lugar perfeito para comprar o primeiro presente do bebê, e ainda mais, para mostrar a Damien no momento que contasse sobre.

Eu estava ali, parada a frente de uma arara, que tinha como destaque um pequeno body de cor branca, com a palavra “destino” estampada. Sorri, tendo a certeza de que era aquele o perfeito para ser o primeiro de nosso filho.

Lembrei-me no instante em que peguei o body em mãos, de como meu destino era incerto há alguns anos. De quando estava sentada numa cama de hospital, encarando fotos das pessoas que amava, com medo de que nunca entendessem porque resolvi esconder, porque optei em não contar com eles. Se eles soubessem que meu amor era tão grande, mas ao mesmo tempo tão receoso, por medo de fazê-los sofrer, talvez entenderiam. Mas, após contar tudo a Damien, tive a certeza de que não precisava fazer o resto de nossa família sofrer com aquilo. Porque o que realmente importava no agora, era que estava viva.

E pretendia viver cada dia como o único e último... Porque infelizmente, na maioria das vezes, só damos valor ao que temos quando perdemos. Era a prova viva daquilo.

Com o body em mãos fui até o caixa e olhei diversas vezes para os lados em busca de Lizzy, que simplesmente tinha desaparecido. *Doida!*

Sorri para a moça simpática do caixa, e paguei rapidamente com o cartão, pedindo que fosse embrulhado para presente. Esperei por alguns minutos, e assim que o embrulho me foi entregue, resolvi ligar para Lizzy, que com toda certeza, tinha ido a outro lugar.

A chamada foi direto para a caixa-postal e fiquei tensa. O que estava acontecendo? Algo dentro de mim me fazia desconfiar de que Lizzy tinha se metido em alguma enrascada, ou até mesmo algo pior.

— Desculpe, mas será que viu a mulher com quem estava passando por aqui? — resolvi perguntar a funcionária.

— A de cabelos cacheados pretos e olhos claros?

— Isso! — falei, já um pouco animada.

— Ela saiu há alguns minutos, mas pediu para lhe entregar isso.

A moça me entregou um cartão, e agradei, mesmo achando aquilo muito estranho. Saí de dentro da loja, e ainda tentava entender o que Lizzy queria dizer.

O amor mais bonito é aquele que vem sem permissão...

Conhecia bem aquela frase, era de uma das músicas mais famosas da 93 million miles. *Mas desde quando Lizzy mandava recados assim?* Olhei o verso do cartão, e bufei resignada quando vi que não tinha mais nada.

Assim que levantei meu olhar, estaquei no lugar, assustada ao ver todas as pessoas ao meu redor completamente paradas. Eu só podia estar sonhando! Mas quando foi que dormi?

— Mas o que...

Parei de falar no instante em que a multidão parada começou a se movimentar, parecendo que tudo não tinha passado de uma verdadeira loucura de minha mente. Será que eu já estava tendo algum efeito dos hormônios da gravidez?

De repente, tudo parou novamente, e um corredor de pessoas formou-se a minha frente, onde todas sorriam em minha direção. Franzi o cenho, arregalei os olhos, fique completamente inerte e assustada ao mesmo tempo. A cena era tão bizarra, que pensei em correr, porém, ao ouvir os primeiros versos de uma canção, escolhi ficar ali. Em seguida todas as pessoas ao meu redor começaram a cantar, num perfeito coro, porém, uma voz se destacou, e eu a reconheci... A reconheceria em qualquer lugar do mundo. Procurei com o olhar ansiosa, mas não encontrei nada, e só assim notei caixas de som ao redor. Tudo o que consegui fazer, foi ficar parada, sem saber que caminho seguir.

*“I found a love for me
(Eu encontrei um amor para mim)
Darling, just dive right in
(Querida, mergulhe de cabeça)
and follow my lead
(E me siga)
Well, I found a girl, beautiful and sweet
(Bem, eu encontrei uma garota, linda e doce)
Oh, I never knew you were
(Eu nunca pensei que você era)
The someone waiting for me
(A pessoa que me esperava)
'Cause we were just kids
(Pois nós éramos apenas crianças)
When we fell in love
(Quando nos apaixonamos)
Not knowing what it was
(Sem saber o que aquilo significava)
I will not give you up this time
(Eu não desistirei de você desta vez)
But darling, just kiss me slow
(Mas querida, me beije devagar)
Your heart is all I own
(Seu coração é tudo o que eu tenho)
And in your eyes you're holding mine
(E em seus olhos, você guarda os meus)”*

Era uma das minhas músicas favoritas do mundo, e não conseguia pensar em como a vida tinha dado tantas voltas e me encontrei justamente ali. No meio da surpresa mais linda de minha vida. A pessoa

mais próxima, veio até mim, entregando uma rosa branca, e incentivando-me a andar por todo daquele corredor humano. Lágrimas já desciam de meus olhos, pois sabia bem o que me aguardava, e cerca de vinte passos depois, ainda ouvindo o belo coro formado pelas pessoas ao meu lado, o caminho se abriu mais uma vez, e além dos desconhecidos, encontrei muito mais do que imaginava.

Levei as mãos a boca, sem acreditar no que via. Quem tocava, em cima de um pequeno palco, eram Nick, Tim e Luke, Pen com um dos microfones, e a frente deles, Damien, que tinha lágrimas nos olhos como eu, encarando-me com toda devoção de sempre. Deus, eu não o merecia, mas eu seria eternamente grata por tê-lo.

*“Baby, I'm dancing in the dark
(Querida, estou dançando no escuro)
With you between my arms
(Com você entre os meus braços)
Barefoot on the grass
(Descalços na grama)
Listening to our favorite song
(Ouvindo nossa música favorita)
When you said you looked a mess
(Quando você disse que estava desarrumada)
I whispered underneath my breath
(Eu sussurrei sob minha respiração)
But you heard it, darling
(Mas você ouviu, querida)
You look perfect tonight
(Você está perfeita esta noite).”^[19]*

Ele parou de cantar, e praticamente jogou o microfone no chão, o que me fez rir levemente. Ao vê-lo caminhar até mim, soltei um suspiro, ao notar o quão imponente, lindo e absurdamente charmoso era. Porém, quando parou a minha frente, notei que sua mão tremia, e como se transformava apenas em meu Dam, simplesmente, o homem dos meus sonhos. Era ele, ponto.

— Oi, carinho. — tocou meu rosto, limpando algumas lágrimas.

Eu só conseguia pensar em lhe contar sobre nosso bebê.

— Oi. — mordi a língua, deixando com que ele conduzisse o momento.

A música parou, e todos do palco estavam atentos a nós, mas a única pessoa que tinha minha atenção era ele.

— Deve me achar maluco, mas com toda certeza sabe porque estou aqui. — abri a boca num “o”, pois mesmo já desconfiando, era completamente diferente *imaginar* do que *realmente ser*. — Quase te perder foi como ter o coração massacrado, mas quase realmente te perder... — eles suspirou fundo, e sabia exatamente do que falava. — Foi como ter o coração retirado de dentro de meu peito. Porque você, carinho... É meu coração. Tem o meu, e sempre me terá. Por isso hoje, estou aqui, pra te pedir pra que seja minha. Além de papel, das pessoas, do mundo... Mas da vida. — ele se ajoelhou, e mesmo tendo imaginado, nada era como o real, como tê-lo ali, pronto para fazer-me apenas dele. — Eu te amo, sempre amei... E prometo eu vou amá-la a cada dia de minha vida, e além dela. Carinho, casa comigo?

Sem saber como dizer, e com minha garganta travada, praticamente saltei sobre ele, e ouvi os

gritos de todos a nossa volta. Naquele minuto não me importei com mais nada, apenas beijei com todo meu coração e amor, o homem que me tinha em seu coração, em sua vida e agora, em suas mãos. Imortalizando aquele momento. Abri os olhos e Damien mostrava o sorriso mais lindo do mundo, encarando-me da forma que mais amava – feliz.

Sem saber de onde surgiram, de relance vi Nora, Gabe, Selena, Valerie, Jess, Lizzy e até mesmo as crianças se aproximarem. Meu irmão, Nick, Tim, e Pen, vinham com calma até nós, com sorrisos enormes no rosto.

Encarei Damien que terminava de colocar a linda aliança em meu dedo.

— Sempre nos escondemos tanto... Mesmo todos desconfiando. — sorriu de lado. — Nada mais justo de que termos as pessoas que amamos e confiamos aqui hoje, não acha?

— Acho perfeito.

— Ei, pequena. — Nora falou com carinho, abraçando-me em seguida.

Todos me encaravam ansiosos, com lágrimas nos olhos e parecendo se não, mais animados do que diante da cena mais linda de toda minha vida.

— Juro, que se soubesse que Damien seria assim, nunca teria me casado. — Valerie brincou, fazendo-me gargalhar entre as lágrimas.

— Essa doeu, fadinha. — Tim revidou, com um sorriso no rosto.

— Por Deus, Valerie! — Selena falou entre risos.

— Nada além do que estamos acostumados. — Nick falou despreocupado.

— Mas, o que de fato fazemos aqui hoje, além de toda essa linda performance. — Jess começou, e tocou de leve em meus ombros. — É dizer que sua família sempre estará aqui por você. Não sabemos o que fez com se separasse de todos nós por um longo tempo, mas mal sabe a felicidade que tenho por Damien te trazer de volta pra nós, e ainda mais, por ter trazido um sorriso verdadeiro ao rosto do meu menino. Eu serei eternamente grata, querida. — limpou de leve algumas lágrimas que desciam. — Nós te amamos, sempre vamos estar aqui.

Ela me puxou para um abraço, e naquele instante, acabei desabando. Lembrando-me de como os anos do orfanato foram, e de como nunca imaginei que um dia teria realmente uma família. Porém, ali estava eu, diante de uma família real, que não exigia nada, nunca nem sequer pediu. Mal sabiam do que omiti, mesmo assim, davam-me seu amor e me respeitavam. Aquilo, era uma família de verdade, sem vírgulas ou incertezas.

Assim que me afastei de Jess, vi minha mãe e meu pai vindo em minha direção, ambos com um sorriso enorme no rosto. Tive um abraço de urso, e chorei feito boba, amparada por ambos. Eles que eram minha fortaleza, meu poder, tudo em minha vida. Alisson e Henry me deram muito mais que uma família, mas sim, uma razão para viver. Eles eram meus alicerces.

— Ei, garoto. — meu pai falou, tocando de leve no ombro de Damien, que estava ao lado de Gabe. — Sabe que ela é rara, não é?

— Sem dúvida alguma. — sorri, encarando os olhos verdes do homem que amava.

— E sabe que vou quebrar a sua cara, caso faço minha irmã sofrer, não é? — Luke entrevistou, e Damien sorriu de lado, afirmando com a cabeça.

— Sempre soube que ficariam juntos. — mamãe falou, dando um pequeno abraço em Damien. — Por Deus, eu pedi tanto por isso!

— Mãe! — falei divertida, enquanto todos gargalhavam.

Ali, diante de todos que nos amavam, diante de meu futuro marido, tive a certeza de que nada... Absolutamente nada na vida acontecia por acaso. Por mais erros que tenha cometido, e decisões erradas, de alguma forma, finalmente senti, que estava no lugar certo com as pessoas mais incríveis do mundo. Ser

feliz era aquilo, não pensar em nada além do que viver o momento.

— Pronta para ir comemorar, futura senhora Harris? — Damien perguntou, com um sorriso enorme no rosto.

— E você? — perguntei de relance, finalmente pegando a sacola pendurada em meu braço. — Preparado para não dormir direito por um longo tempo?

— Han? — seu semblante era confuso, e consegui sentir o olhar de todos sobre nós.

De canto de olho, vi Lizzy sorrindo animada, praticamente batendo palmas. Sorri, tirando o embrulho de dentro da sacola e entregando-o a Damien.

Uma de suas sobrancelhas se ergueu, e o incentivei, ajudando com o papel branco, que logo revelou uma caixinha de cor clara. Damien encarou-me ainda completamente perdido, mas assim que levantou a tampa, seu olhar mudou, o vi engolir seco, e ele tirou com todo cuidado o body de dentro.

— Ah meu Deus! — ouvi o grito de Jess, e sorri, ainda compenetrada no homem a minha frente.

Lágrimas desceram por seu rosto, e toquei-o com carinho, vendo a forma mais frágil dele, ainda sem conseguir identificar qual sentimento o dominava.

— Eu pensei por algum tempo que fosse loucura esse sentimento. — limpou sem jeito as lágrimas. — Mas a lembrança sua sempre esteve lá, apenas para jogar na minha cara o quão certo éramos. O quanto certo somos. E agora, seremos três! — fechou os olhos por alguns segundos, e quando os abriu novamente, um sorriso gigante também surgiu. — Se pensei que não podia te amar ainda mais, acabou de me provar o contrário.

Dito isso, puxou-me para seus braços, para em seguida, se ajoelhar a minha frente. Levei a mão a boca, ainda encantada com aquela cena. Damien passou a mão de leve por minha barriga e em seguida depositou um leve beijo.

— Nós.

— Sempre, nós... Três, agora. — sorri, e ele se levantou.

Nada mais precisava ser dito, e ele me pegou nos braços, rodando-me no ar. Gargalhei junto a ele, vivendo aquele momento ao máximo. Palmas foram ouvidas, mas não eram necessárias. Naquele instante era como se holofotes não existissem, pois nada além importava.

Apenas nós.

Epílogo

“Não me lembro mais qual foi nosso começo. Sei que não começamos pelo começo. Já era amor antes de ser.”^[20]

O amor muitas vezes chega através de passos tortos, talvez incertos, mas nunca sem pretensão. Houve um tempo em que Damien chegou a pensar que fosse enlouquecer diante da distância imposta pela mulher que amava. A carta deixada, como uma rejeição e adeus claros, acertou-lhe tão intensamente, que ele sequer cogitou a possibilidade de que fosse mentira. Claro, que noites depois, já do outro lado do oceano, ele buscou incessantemente respostas em suas lembranças, pegou o celular milhares de vezes para ligar para ela, porém, a dor em seu peito apenas aumentava. Nunca pensou, que em algum momento, a perderia de tal forma. Foi isso, que o fez aceitar, que fora abandonado por ela.

Ao mesmo tempo em que Damien tentava seguir seu caminho, diante de um amor perdido, Mary lidava com o momento mais crucial da sua vida. Ter câncer fê-la ver que a vida acabava num piscar de olhos, que somos tão frágeis a ponto de que células de sete micrometros de diâmetro são capazes de nos destruir de dentro para fora. A natureza é perfeita do jeito mais imperfeito existente, e sentir isso na pele, além de uma simples gripe, foi como sentir a fraqueza de seu próprio ser. Enxergar que não se é invencível, mesmo com todos os avanços tecnológicos.

Mary percebeu que não tinha medo da morte, do momento em que tudo se desligaria. O seu maior medo era fazer sofrer as pessoas que amava, principalmente, o homem que tanto quis como seu. A tristeza nos olhos de seus pais foi tamanha, que muitas vezes chegou a arrepender de tê-los levado com ela até a clínica naquele fatídico dia. Porém, não conseguia enxergar como suportaria cada minuto de tratamento sem eles por perto.

Assim como tudo no mundo, a vida é feita de escolhas, porém, muitas vezes, há aquela pequena intervenção que dependendo do ponto de vista, muda por completo a vida de uma ou centenas de pessoas.

Mary Willians Carter foi curada do câncer em um dia chuvoso e cinza, no qual, Damien Reed Harris dormia tranquilamente, e por incrível que pareça, sonhava com ela no mesmo instante. Um milagre, força superior, destino... Chame do que quiser, até mesmo ligação de almas, almas gêmeas... A força do amor não pode ser calculada nem tão pouco explicada.

Contudo, no momento em que Damien ouviu o choro estridente, do pequeno bebê que acabara de vir ao mundo, e encarou com todo amor, depositando um leve beijo na testa de sua mulher, que estava claramente exausta, mas com um sorriso no rosto, ele entendeu que não eram necessárias explicações. Para eles, aquilo se resumia a todas definições. Milagre, por ter a mulher que amava viva mesmo após uma doença tão cruel. Força superior e almas gêmeas, pois sentiam que estavam ligados além daquela vida.

Quando a enfermeira lhe entregou o pequeno pacotinho com sua filha dentro, ele sorriu, com lágrimas nos olhos e o coração completamente entregue.

— Destiny Carter Harris.

Para eles, o destino era ainda mais importante, pois dali em diante, representava o que mais amavam no mundo – sua filha. Mary sorriu, e logo a pequena foi colocada em seu colo. Diante da cena a frente, notando o amor palpável entre ambos, uma das enfermeiras que acabara de chegar, pediu educadamente para tirar uma foto. Ambos sorriram, enquanto Destiny chorava baixinho, embalada pelo colo da mãe. A foto foi tirada e ali ficara eternizado, além de memórias. Eram uma família, aquilo bastava... Sempre bastou.

Agradecimentos

Agradeço a Deus mais uma vez me proporcionar a realização desse sonho. Agradeço a Gabriel Putton por ser meu porto seguro, e a pessoa que sempre posso contar. A Manuele Cruz por ser a gêmea maravilhosa de sempre. A Claudete Souza por além de ser uma fiel leitora, ser minha beta querida e maravilhosa. A Karla Jacqueline por ser uma mulher incrível e acreditar em minhas obras de forma seu igual, por ser minha beta e além disso, honesta. A todos que de certa forma estão em meu caminho e sempre ao meu lado.

Em especial, a meus leitores que desde o meu começo em 2015 me deram apoio, vocês são incríveis!

Obrigada,
Aline Pádua

Outras obras

O homem que não amei – Trilogia Soares – Livro 1

Sinopse

Um casamento baseado em um acordo e um passado não revelado.

Victória Fontana passou por cima de tudo por um único e exclusivo amor, sua filha Luna. Chegando a ponto de conviver sob o mesmo teto que o homem que mais repudia, o qual a traiu inúmeras vezes e trocou míseras palavras com ela durante os vinte anos de casados. Porém, o tempo passa e agora sua filha irá se casar. Essa seria finalmente a liberdade que Victória sempre sonhou, no auge dos seus quarenta anos, tudo o que deseja é encontrar um verdadeiro amor e se afastar de vez do atual marido.

Caleb Soares é um homem reservado e completamente fechado. Ele guarda segredos que envolvem não só seu passado, mas de toda sua família. Sua prioridade sempre se baseou em cuidar de sua filha, e em hipótese alguma revelar algo a Victória. Vinte anos vivendo ao lado da mulher que ama, não foram o suficiente para ele se declarar... Um erro do passado fez com que Caleb trancasse seu amor e deixasse com que ela o odiasse. Quando Victória pede o divórcio, ele finalmente se dá conta de que seu amor por ela, não passou com o tempo.

Será ele capaz de abrir seu coração?

Será ela capaz de acreditar em seus sentimentos?

Caleb tem uma chance de conquistar sua esposa, e caso não consiga, a perderá para sempre.

Link para compra [aqui](#)

A mulher que amei – Trilogia Soares – Livro 2

Sinopse

Castiel Soares ao contrário do que muitos pensam sempre foi o mais centrado e obediente dos irmãos. Cometeu erros como qualquer ser humano e alguns deles atormentavam seu sono... Até conhecê-la.

Danielle Campos sofreu uma grande perda no passado que transformou sua vida completamente. E mesmo com a dor que sentia nunca deixou nenhum sentimento ruim a corroer... Até conhecê-lo.

Ele pensou que ela seria sua salvação.

Ela quer de todas as formas sua destruição.

Um sentimento arrebatador entre a linha tênue do amor e do ódio.

Qual falará mais alto?

Link para compra [aqui](#)

A quem amei para sempre – Trilogia Soares – Livro 3

Sinopse

Antonella "Babi" Laira pouco sabe sobre seu passado, mas tinha a certeza de um futuro ao lado do amor de sua vida, o qual mesmo sendo proibido, ela lutaria.

Christopher Soares encontrou em Babi a oportunidade perfeita para finalmente concluir seus planos. O que ele não contava era que no meio do caminho sua maior ambição se tornaria algo desprezível perto da dor que causou a mulher que o escolheu.

Segredos serão revelados

Mentiras serão descobertas

Christopher verá a mulher que ama se afastar em um piscar de olhos.

Será ela capaz de perdoar um amor falho e se entregar novamente ao homem que mais a enganou?

Será ele capaz de fazer a escolha certa entre o amor e a ambição?

Alguns amores valem por uma vida, outros não passam de uma mentira.

Link para compra [aqui](#)

O que sobrou do meu amor (Série O que sobrou – Livro 1)

Sinopse

O casamento dos sonhos com o homem dos sonhos, é tudo o que uma mulher perdidamente apaixonada pode querer, não? Melissa Lourenzinni põe isso à prova.

Após anos apaixonada pelo cara mais velho e melhor amigo do seu irmão, não via mais como ser notada por Levi. Porém, na noite de seu aniversário de dezesseis anos, uma pitada de ousadia, acompanhada de uma boa dose de álcool, mais uma avalanche de ciúmes, acaba por mudar o rumo de suas vidas.

Uma gravidez inesperada uniu o casal, ou melhor, separou-os. Apesar de dez anos de casados, Levi nunca demonstrou qualquer sentimento por Melissa. Desacreditada no amor, Melissa está mais do que decidida: está na hora de terem uma conversa. Porém, novamente, o destino acaba brincando com os dois.

Um casamento

Uma traição

O que sobrar de amor?

Link para compra e-book [aqui](#) e físico [aqui](#)

O que sobrou do nosso amor (Série O que sobrou – Livro 1.5)

Sinopse

Melissa Lourenzinni passou por várias turbulências em sua vida, e percebeu que o amor que sentia pelo marido, se esvaiu após dez anos de um casamento infeliz e uma traição. O perdão não é impossível, mas a confiança quebrada se tornou. Agora, ela só quer entender o que sente, redescobrir-se e cuidar de sua filha, a qual se tornou seu mundo.

Levi Gutterman perdeu sua esposa por conta da própria imaturidade e negação, além de seus erros no passado. Ele consegue manter apenas o mínimo de contato com ela, no caso, através de sua filha. Porém, ele não consegue desistir do que sente, muito menos agora, que tem a certeza que jamais amará outra mulher.

Um casamento destruído

Uma mulher confusa após uma traição

Um homem apaixonado em busca de redenção

Será que algo sobrarão desse amor?

Link para compra [aqui](#)

O que sobrou da sua paixão (Série O que sobrou – Livro 2)

Sinopse

Sophie Moraes lutava pelo sonho de dar orgulho e conforto para sua mãe, e apesar de ter um diploma em Economia, esforçava-se ao máximo em seu cargo de recepcionista. Toda sua vida muda ao receber o convite que deveria ser seu sonho: o de se tornar assistente de Daniel Lourenzinni.

Daniel Lourenzinni é um homem conhecido por sua beleza estonteante e educação impecável. Após ter uma decepção amorosa, ele passa a esconder seu coração como um tesouro, e resolve simplesmente fugir desse sentimento. Porém, tudo muda de perspectiva ao reencontrar seu amor de outrora e uma nova mulher a quem ele não consegue mostrar toda sua boa educação. Daniel se apaixona, mas sem saber como agir diante disso, usa da única opção que garantiria um pouco de paz ao seu coração: reivindicar Sophie como sua.

O que sobrará dessa paixão?

Link para compra [aqui](#)

Era pra ser amor (Série O que sobrou - Livro Bônus)

Sinopse

Livro bônus da Série O que sobrou, conta a história de Lorena Silva e Tuan Gutterman, pais da personagem masculina principal do livro 1 da série.

Um amor pode surgir em um momento simples e transformar a vida de duas pessoas? Lorena e Tuan mostram que isso é possível.

Lorena Silva uma menina mulher de dezenove anos, que mora no interior de Minas Gerais, e tem uma relação forte com sua mãe, nunca esperou que em algum momento fosse querer “mais” fora da pequena cidadezinha chamada Ouro Fino. Porém, quando seus olhos verdes se encontraram com o castanho dos de Tuan, tudo que ela desejava, acabou se modificando, e mal sabia ela, que não era apenas um acaso do destino.

Tuan Gutterman está de férias, curtindo enquanto pode após ter terminado a faculdade de arquitetura. Tudo que ele buscava era paz no interior do país, querendo conhecer a cultura e quem sabe se inspirar em projetos novos, para serem aplicados em seu emprego. Porém, em um dia comum, acontece o inevitável, e ele vê na pequena mulher de cabelos negros, algo que não sabe descrever, mas que mal sabia ele, já estava escrito pela vida.

Link para compra [aqui](#)

De encontro ao amor (Conto)

Sinopse

Sofia viveu por anos à sombra de um amor não correspondido. Após finalmente encarar a realidade, quando o homem que ama se casou com outra, ela resolve dar um tempo de tudo. Mas como nada a vida é como se espera, de repente, um alguém que ela nunca notou, mas que de certa forma estava por perto, chama sua atenção. Porém, mal sabe ela que ele apenas apareceu no momento certo, para ganhar seu coração.

Link para compra [aqui](#)

Leo (Trilogia Desencontros de Amor – Conto 1)

Sinopse

Uma amizade colorida pode vir a ser mais?

Fernanda Vieira vive um verdadeiro sonho quando se entrega de corpo e alma ao seu amor adolescente, finalmente realizando seus sonhos mais secretos, mas seu coração entra em risco quando percebe que a paixão juvenil tornou-se algo muito mais profundo e sério.

Já Leonardo Tavares, um verdadeiro sedutor, se vê verdadeiramente enredado em um jogo de carinho e sedução da loira de olhos verdes, que aos poucos toma para si o prêmio que era o coração dele.

Em meio aos desencontros da vida, este amor poderia sobreviver?

Link para compra [aqui](#)

Suzy (Trilogia Desencontros de Amor – Conto 2)

Sinopse

Um amor antigo poderia suportar a espera?

Suzane Cruz manteve seu amor por Ricardo Suarez escondido por anos, afinal seu patrão permanecia em um longo namoro com Tessália Albuquerque. O que tinha tudo para ser uma paixão platônica acaba se convertendo em uma intensa noite de amor, com consequências muito maiores que os dois poderiam supor: um filho.

Seria o amor ou a culpa o responsável pela união dos dois?

Link para compra [aqui](#)

Rafa (Trilogia Desencontros de Amor – Conto 3)

Sinopse

Apenas se ama uma vez na vida?

Rafael Garcia tem a certeza de que isso pode ser verdade, após ter seu coração destruído no momento em que a mulher que amava o deixou, sem explicações. No entanto, anos depois, sendo um completo cafajeste, ele se entrega a uma tórrida noite de paixão com Luz Rocha. Aos poucos, sem o mesmo perceber, seu coração está aberto para ela, e ele se põe em risco quando seus sentimentos assumem.

Será ele capaz de se entregar novamente? Será ela a verdadeira “luz” da qual ele necessita?

Link para compra [aqui](#)

Contatos da autora

[Wattpad](#) - [Facebook](#) - [Grupo](#) - [Página](#)
[E-mail](#) - [Site](#) - [Spotify](#)

Até a próxima!

^[1] Citação do escritor estadunidense nascido na Alemanha, Charles Bukowski.

^[2] Citação do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu.

^[3] Trecho da canção Worst in me – Julia Michaels, álbum Nervous System (2017).

^[4] Citação da escritora brasileira Martha Medeiros.

^[5] Citação do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu..

^[6] Citação da escritora brasileira Tati Bernardi.

^[7] Citação da escritora brasileira Tati Bernardi.

^[8] Trecho da canção Yours – Ella Henderson, álbum Chapter One (2004).

^[9] Citação do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu.

^[10] Citação da escritora brasileira Tati Bernardi.

^[11] Citação da escritora brasileira Martha Medeiros.

^[12] Citação da escritora brasileira Tati Bernardi.

^[13] Citação do escritor estadunidense Nicholas Sparks.

^[14] Citação da escritora brasileira Tati Bernardi.

^[15] Citação do escritor estadunidense Nicholas Sparks.

^[16] Citação do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu.

^[17] Citação do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu.

^[18] Citação da escritora brasileira Martha Medeiros.

^[19] Trecho da canção Perfect – Ed Sheeran, álbum ÷ (2017).

^[20] Citação da escritora brasileira nascida na Ucrânia, Clarice Lispector.

Table of Contents

[Sumário](#)
[Sinopse](#)
[Nota da autora](#)
[Playlist](#)
[Prólogo](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Epílogo](#)
[Agradecimentos](#)
[Outras obras](#)
[Contatos da autora](#)